

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Departamento de Psicologia  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia

**A FAMÍLIA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM  
DIAGNÓSTICO DE DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM**

Leila Pereira dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres

Goiânia, Goiás

2014

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Departamento de Psicologia  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia

**A FAMÍLIA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM  
DIAGNÓSTICO DE DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM**

Leila Pereira dos Santos

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás para obtenção do título de Mestre em Psicologia do curso de Pós-Graduação Stricto-Sensu.

Orientadora: Profa. Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres

Goiânia, Goiás

2014

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Santos, Leila Pereira.

S237f A família e o desenvolvimento da criança com diagnóstico de dificuldade de aprendizagem [manuscrito] / Leila Pereira dos Santos. – Goiânia, 2014.  
98 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia, 2014.

“Orientadora: Profa. Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres”.  
Bibliografia.

1. Aprendizagem. 2. Família. I. Título.

CDU 159.9:37(043)

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.**

No dia 17 de outubro de 2014, às 14h, nas dependências do Programa Stricto Sensu em Psicologia, Área IV, Campus I da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, **Leila Pereira dos Santos**, discente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia (2012.1.2055.0011-9) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Defesa de Dissertação de Mestrado, o trabalho intitulado **A Família e o Desenvolvimento da Criança com Diagnóstico de Dificuldade de Aprendizagem**, para Comissão de Avaliação composta pelos (as) docentes: **Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Presidente da Comissão), **Dra. Geisa Nunes de Souza Mozzer** (Universidade Federal de Goiás, Membro Convidado Externo), **Dra. Alba Crísthiane Santana da Mata** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Interno), e **Dr. Sebastião Benício da Costa Neto** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Suplente). O trabalho da Comissão de Avaliação foi conduzido pela docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu 30 minutos a discente candidata para que esta expusesse o trabalho. Após a exposição, a docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem a discente candidata. Após o encerramento das arguições, a Comissão de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho da discente candidata na exposição, considerando a trajetória desta no curso de mestrado. Como resultado da avaliação, a Comissão de Avaliação deliberou pela:

**Aprovação da dissertação**

A Comissão de Avaliação declara o (a) discente candidato (a) Mestre em Psicologia. A Comissão de Avaliação pode sugerir alterações de forma e/ou conteúdo considerado aceitáveis, não impeditivo da aprovação do trabalho. As alterações deverão ser indicadas no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da dissertação. Neste caso, a versão lida corrigida deverá ser entregue ao(à) discente candidato(a) no final da sessão. O(A) discente candidato(a) terá o prazo de sessenta (60) dias para os ajustes e entrega da versão final na Secretaria do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

**Aprovação da dissertação mediante reformulação**

A Comissão de Avaliação determina que o (a) discente candidato(a) terá o prazo máximo de cento e oitenta (180) dias para realizar a reformulação necessária no trabalho, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação. Os pontos para a reformulação deverão ser indicados no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da dissertação. Neste caso, a versão lida, contendo os pontos da reformulação, deverá ser entregue ao(à) discente candidato(a) no final da sessão. Dentro do prazo para reformulação supramencionado, o(a) discente candidato(a) deverá solicitar à Coordenação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia nova avaliação do trabalho, a ser feita através de procedimento específico para casos de reformulação.

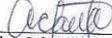
**Reprovação da dissertação**

A Comissão de Avaliação determina que o trabalho apresentado não satisfaz as condições mínimas para ser considerado dissertação de mestrado válida à obtenção do título de Mestre em Psicologia. O(A) discente candidato(a) pode interpor recurso à decisão da Comissão de Avaliação no prazo máximo de trinta (30) dias, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

**A Comissão de Avaliação:**

  
**Prof. Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres**  
Membro Presidente  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

  
**Prof. Dra. Geisa Nunes de Souza Mozzer**  
Membro Convidado Externo  
Universidade Federal de Goiás

  
**Prof. Dra. Alba Crísthiane Santana da Mata**  
Membro Convidado Interno  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

**Prof. Dr. Sebastião Benício da Costa Neto**  
Membro Convidado Suplente  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

**Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:**

  
**Prof. Dr. Cristiano Coelho**  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em  
Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
**Prof. Dr. Cristiano Coelho**  
Coordenação do Programa Stricto Sensu  
em Psicologia - RE.7573

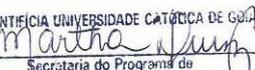
**Observações:**

1. Documento válido somente se assinado pela Coordenação e pela Secretaria do PSSP/PROPE/PUC Goiás.
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_

Visto Secretaria:

DF nº: 14 / 2014

Goiânia, 17 / 10 / 2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
  
Secretaria do Programa de  
Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia



**PUC  
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1069 ● Setor Universitário  
Caixa Postal 86 ● CEP 74605-010  
Goiânia ● Goiás ● Brasil  
Fone: (62) 3946.1070 ● Fax: (62) 3946.1070  
www.pucgoias.edu.br ● prope@pucgoias.edu.br

**ANEXO DA ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.**

**Discente:** Leila Pereira dos Santos

**Matrícula:** 2012.1.2055.0011-9

**Título da dissertação:** A Família e o Desenvolvimento da Criança com Diagnóstico de Dificuldade de Aprendizagem

**Data do exame:** 17 de Outubro de 2014

**Correções; modificações; alterações; comentários; observações; pontos para reformulação etc. (Assinatura obrigatória).**

**Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres** (Membro Presidente) | **Assinatura:**

Assinale em caso afirmativo:  O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):


**Profa. Dra. Geisa Nunes de Souza Mozzer** (Membro Convitado Externo) | **Assinatura:**

Assinale em caso afirmativo:  O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):


**Profa. Dra. Alba Cristhiane Santana da Mata** (Membro Convitado Interno) | **Assinatura:**

Assinale em caso afirmativo:  O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Rever questões de formatação e de normas da APA.
Rever as citações e as referências bibliográficas
Rever algumas questões conceituais.

**Prof. Dr. Sebastião Benício da Costa Neto** (Membro Convitado Suplente) | **Assinatura:** \_\_\_\_\_

Assinale em caso afirmativo:  O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):


<p><b>Ciente do(a) discente:</b>  <b>Leila Pereira dos Santos</b> Discente Candidata 2012.1.2055.0011-9 Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Goiás</p>	<p><b>Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:</b> Visto Secretaria: DF nº: 14/2014  <b>Marlene</b> Secretaria do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Goiânia, 17/10/2014</p>
---	--

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me oferecido a oportunidade de realizar meu sonho de continuar aprendendo.

Agradeço a meus pais, que mesmo não estando mais neste plano, me ensinaram que o estudo é fundamental para nosso desenvolvimento.

Agradeço a meus filhos, pelo apoio que me deram no decorrer do curso.

Agradeço a minhas amigas, Silvia, Gislene, Marilza e Gledes, pelo apoio e ajuda ao refletirem comigo sobre os tópicos de meu tema.

Agradeço a minha coordenadora Kátia pelos conselhos e ajuda nos momentos difíceis.

Agradeço a todas as minhas colegas de trabalho da faculdade por me ouvirem e aconselhar nos momentos que necessitei.

Agradeço em especial as famílias que se prontificaram em participar de minha pesquisa.

Agradeço a minha orientadora Vannúzia pela dedicação e paciência ao me ajudar a superar meus erros.

## RESUMO

O presente estudo é sobre a família e o desenvolvimento da criança com diagnóstico de dificuldade de aprendizagem. Trabalhou-se fundamentalmente com a teoria histórico cultural do desenvolvimento humano, com o objetivo de identificar como as concepções das famílias sobre a dificuldade dos filhos interferem nos seus processos de aprendizagem e desenvolvimento, valendo-se de atividades artísticas como metodologia para a construção das informações analisadas com base na epistemologia qualitativa e na categoria sentido da teoria histórico-cultural buscando entender, a partir do sentido e do significado das palavras que fluíram no decorrer dos encontros, as concepções das famílias sobre as dificuldades de aprendizagem de seus filhos. Participaram da pesquisa duas famílias. A primeira(X) constituída de avó e neta e a segunda(Y) mãe e filha. A avó responsável pela criança participou com prazer de grande parte dos encontros e suas verbalizações deixaram claro que compreendia a importância do apoio e afetividade no processo de aprendizagem e desenvolvimento de sua neta. A segunda família, mãe e filha, participou de todos os encontros, sendo que a adolescente apenas observava e tecia alguns comentários, se negando a participar das atividades. Sua mãe participou e demonstrou motivação na realização de todas as atividades artísticas propostas, mas verbalizou pouco deixando claro em sua fala, o medo que tem do futuro da filha, talvez por não acreditar em suas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento de maior autonomia. Concluímos que o desenvolvimento dos filhos com diagnóstico de dificuldade de aprendizagem mantém relações com as concepções das famílias e o apoio afetivo que elas oferecem a eles, o que foi observado na primeira família, e que a avó reconhece como a neta melhorou quando ela passou a apoiá-la e que se os pais dessem maior atenção a ela estaria bem melhor. Quanto à segunda família, a menina ainda apresenta muita dificuldade, principalmente relacional, mostrando-se muito tímida. A mãe não consegue dar o apoio que ela necessita, precisando ela mesma de ajuda para se fortalecer, mediante as perdas que sofreu.

**Palavras-Chaves.** Família, Aprendizagem, Desenvolvimento, Teoria histórico-cultural

## ABSTRACT

This study is about family and the development of a child with a diagnosis of learning disability. We worked primarily with cultural historical theory of human development, with the aim of identifying how conceptions about the difficulty of the families of the children interfere with their learning processes and development, drawing on artistic activities as a methodology for the construction of information analyzed based on qualitative epistemology and sense category of cultural-historical theory trying to understand, following the sense and meaning of the words that were appearing during the meetings, the conceptions of the families about their children's learning disabilities. Two families participated in the survey. The first (X) consisting of grandmother and granddaughter and the second (Y) mother and daughter. The grandmother who is responsible for her granddaughter, participated with pleasure of most meetings and her verbalizations made it clear that she understood the importance of support and affection in the learning and development process of her granddaughter. The second family, mother and daughter, attended all the meetings, and the teenager just watched and wove some comments, refusing to participate in activities. Her mother participated and demonstrated motivation in performing all artistic activities proposed, but little verbalized it clear in her speech, the fear about her daughter's future, perhaps because she doesn't believe in her daughter's learning opportunities and developing greater autonomy. We conclude that the development of children diagnosed with learning difficulty maintaining relationships with the views of families and the emotional support they offer to them, which was observed in the first family, and her grandmother recognizes as the granddaughter improved when she began to support it and that if parents give more attention to it would be better. The second family, the girl is still very difficult, especially relational, being very shy. The mother can not give the support she needs, she herself needing help to strengthen by the losses suffered.

**Key Words:** Family, Learning, Development, cultural-historical theory

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 1: REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>10</b>
1.1 Teorias da Aprendizagem .....	10
1.2 O Desenvolvimento Humano: alguns conceitos e suas perspectivas teóricas .....	20
1.3 A família, suas transformações histórico-culturais e as transformações da escola.....	25
<b>CAPÍTULO 2: OBJETIVOS E METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
2.1 Objetivos .....	31
2.2 Considerações Teórico-Metodológicas.....	31
2.3 Método .....	36
2.4 Participantes .....	37
2.5 Procedimentos e instrumentos de pesquisa.....	41
<b>CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>44</b>
3.1 Descrição e análise das informações construídas com os participantes: família X e família Y .....	44
3.2 Quadro síntese – família X .....	45
3.3 Categorias de sentido construídas com a FAMÍLIA X.....	51
3.4 Quadro síntese - Família Y .....	54
3.5 Categorias de sentido construídas com a FAMÍLIA Y.....	61
3.6 Discussão sobre as informações construídas .....	62
<b>CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo presente estudo intitulado “A Família e o Desenvolvimento da Criança com Dificuldade de Aprendizagem” surgiu do meu trabalho como arteterapeuta em uma Instituição municipal de apoio a educandos com diagnóstico de dificuldade de aprendizagem e seus objetivos são: a) identificar como as famílias concebem as dificuldades de seus filhos; b) analisar como as concepções das famílias repercutem nos processos de aprendizagem dos filhos; c) descrever como as famílias percebem a importância de seu apoio para o melhor desenvolvimento dos filhos.

Esse estudo observou como as concepções das famílias sobre as dificuldades dos filhos interferem no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos mesmos. Através dessa observação notou-se que o conceito de aprendizagem sugere diferentes significados em diferentes teorias, mas é reconhecido que o estímulo recebido pela criança em seu meio familiar, bem como o respeito a sua singularidade, se tornam fundamentais para que os processos de aprendizagem e desenvolvimento tenham um bom resultado. Por isso, o conceito de aprendizagem será apresentado em uma discussão detalhada na fundamentação teórica.

Outro ponto de fundamental importância se refere ao diagnóstico das crianças analisadas que deve acontecer o mais cedo possível para que possam ser respeitadas e compreendidas quanto as suas dificuldades em seu meio social e cultural, principalmente junto aos profissionais da educação que devem organizar uma proposta de trabalho com atividades que ajudem a solucionar dificuldades apresentadas pelos educandos.

A família é o primeiro espaço social de relação da criança onde acontecem trocas significativas para o desenvolvimento de sua identidade pessoal e de valores culturais necessários para sua integração social. Assim como a escola também é um exemplo de integração, pois busca dar continuidade ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Para compreender a forma de aprender das crianças estudadas pelo presente trabalho, tomamos o conceito de desenvolvimento humano como um contínuo processo que não depende apenas da dimensão biológica, mas principalmente da dimensão social a ela inter-relacionada, conforme orienta o teórico russo, Lev Vigotski (1896-1934) psicólogo que estudou o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil sendo que, as interações vividas pela criança com sua família e dentro da escola é que irão ajuda-las a se desenvolver.

Sendo assim, este trabalho se orienta na perspectiva histórico-cultural de Vigotski por ter se percebido a partir de uma revisão bibliográfica que sua teoria é a que mais poderia contribuir com essa pesquisa já que visa compreender como se dá o processo de aprendizagem e sua relação sociocultural nela envolvida. Dessa forma, o autor pode colaborar com todos os profissionais que trabalham com a educação de crianças com diagnóstico de dificuldade de aprendizagem.

O primeiro elemento de fundamental importância às pesquisas realizadas sobre a aprendizagem é a afirmação do autor citado anteriormente, quando diz que são as possibilidades e não as dificuldades da criança que devem ser enfatizadas no processo de aprendizagem. Para Vigotski (1998) devemos nos ater àquilo que a criança é capaz de executar e não à sua dificuldade, Concepção esta construída a partir de suas pesquisas sobre a relação pensamento e linguagem e o desenvolvimento mental determinado pelo nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal.

Pensando na abordagem mencionada acima, a pesquisa se objetivou na concepção da família quanto a aprendizagem de seus filhos e se percebem a importância de seu apoio para o melhor desenvolvimento dos mesmos.

Outro referencial adotado nesta pesquisa são as concepções desenvolvidas por Gonzalez Rey (2005, 2011) referentes ao processo de construção da pesquisa qualitativa onde o pesquisador assume o papel de sujeito ativo no decorrer de todo o processo de articulação entre o teórico e o empírico. Para o autor, o conhecimento e a historicidade do pesquisador

não poderá se constituir em empecilho nem no momento empírico e muito menos na análise das informações, sendo que esses processos se darão por meio do seu conhecimento e observação das verbalizações e simbologias que vão se constituindo em um processo permanente de inteligibilidade do fenômeno, o que será detalhado no capítulo sobre o método.

A arte também integrou a metodologia nas suas diferentes modalidades com o objetivo de proporcionar momentos de ludicidade aos participantes e ampliar seu processo criativo por meio do qual podem, naquele momento, se sentirem mais tranquilos para refletirem sobre as dificuldades de seus filhos e como agir em determinados momentos.

Para melhor desenvolvimento do trabalho de pesquisa, os pressupostos teóricos que orientaram o estudo serão organizados mediante uma lógica didática e epistemológica de acordo com a qual, no primeiro capítulo, , intitulada Teorias da Aprendizagem, revelam-se considerações referentes ao conceito de aprendizagem a partir da ideia de diferentes teóricos, principalmente de Vigotski ( 2012).

A partir da pesquisa bibliográfica e a relação percebida entre os processos de aprendizagem e desenvolvimento emergiu o segundo capítulo, denominada “O Desenvolvimento Humano: alguns conceitos e suas perspectivas teóricas”. Nele iremos aprofundar nossos estudos acerca do desenvolvimento infantil que acontece a partir das relações e estímulos em seus primeiros anos de vida.

As transformações que ocorreram nas concepções de família no decorrer da evolução histórica da humanidade se iniciam com a representação da família nuclear e vão se modificando por meio de suas configurações, valores e prioridades, o que constituirá o terceiro tópico com base teórica de Ariés (2012), Oliveira (2007), Boechat (2007) e Sayão (2011).

Os objetivos gerais e específicos desta dissertação foram mais bem detalhados em seu segundo capítulo na tentativa de elucidar ao leitor quais dúvidas quisemos esclarecer em nossa pesquisa.

O terceiro capítulo abordará as considerações teórico-metodológicas utilizadas com ênfase na Epistemologia qualitativa de Gonzalez Rey, (2010) assim como também serão apresentadas as atividades artísticas realizadas com as famílias e seus filhos, com o objetivo de compreender as concepções dos pais ou responsáveis sobre as dificuldades apresentadas e se reconhecem a importância de seu apoio na busca para o desenvolvimento cognitivo dos mesmos

O quarto capítulo se desenvolveu com a construção e análise das informações e discussão dos resultados que foram emergindo no decorrer dos encontros, a partir das categorias de sentido construídas pelas famílias, com participação ativa das mesmas nessa construção bem como se transformaram suas concepções sobre a dificuldade de aprendizagem de seus filhos ou não.

Para finalizar o trabalho foram tecidas as considerações finais que trouxeram algumas reflexões da pesquisadora sobre o universo pesquisado. Duas famílias participaram de oito encontros estruturados a partir da metodologia qualitativa de Gonzalez Rey (2010) associada aos recursos artísticos para a construção do conhecimento das famílias sobre a dificuldade de aprendizagem de seus filhos. Logo, buscou-se pesquisar e produzir conhecimento que poderá ser socializado no meio acadêmico como resultado de uma produção científica, podendo fundamentar futuras e possíveis práticas e servir como material de pesquisa para profissionais que desenvolvem seu trabalho com os temas abordados na presente dissertação.

# **CAPÍTULO 1: REVISÃO DA LITERATURA**

## **1.1 Teorias da Aprendizagem**

O presente capítulo resultou-se da percepção de que é imprescindível compreender o conceito de aprendizagem para a fundamentação teórica da pesquisa, juntamente com o conceito de desenvolvimento humano, especialmente de crianças com diagnóstico de dificuldade de aprendizagem como é o caso dos nossos sujeitos participantes.

A palavra aprender, segundo o dicionário da língua portuguesa, de Silveira Bueno (2009, p.64) significa ficar sabendo, reter na memória, adquirir experiência. Já aprendizado é a ação de aprender, tempo durante o qual se aprende. Diferentes teóricos se preocupam em estudá-lo e encontraram diversos conceitos para o mesmo de acordo com a sua abordagem teórica. Destacamos abaixo os significados atribuídos a aprendizagem por alguns autores, tais como:

Para Ossi (2003, p. 68) “aprender é uma atividade desejante construída sob a égide de uma relação familiar saudável e segura. A aprendizagem ganha significado dentro dos contextos familiar e social, ainda que a apropriação dos conteúdos seja individual”. Já para Perreault (2009, p. 144), o conceito de aprendizagem é uma das mais difíceis de ser definida pela sua complexidade. Aprender pode ser confundido com compreender e definida pelo comportamento do aluno (visível) ou pelas estruturas de seu pensamento (não visível).

Segundo Vigotski (2012, p. 28) a aprendizagem se realiza na interiorização dos meios historicamente determinados e culturalmente organizados, ou seja, no momento que o sujeito compreende os símbolos historicamente construídos acontece sua aprendizagem e desenvolvimento. Pensando por esse lado, a natureza social se converte em natureza psicológica, apresentando-se dois mecanismos: um que se dá na relação com o mundo externo e outro que se dá internamente na compreensão do conceito apreendido.

Martinez coloca que "a aprendizagem é um processo psicológico que se constitui ao longo da vida do sujeito por meio da educação e que permite sua participação na sociedade" (2012, p.233)

Mediante as afirmativas dos autores citados, percebe-se o consenso entre eles de que o meio social em que o sujeito está inserido, principalmente o familiar, tem grande influência no aprendizado das crianças. A partir de suas primeiras relações com o estímulo recebido afetuosamente e de forma segura, a criança aprende as primeiras palavras, faz suas primeiras experiências motoras e se relaciona com os indivíduos mais próximos a ela. Em um segundo estágio, a relação se amplia para o meio educacional escolar, no qual dará continuidade a sua aprendizagem de mundo a partir das trocas culturais e do sistema de signos que terá que se apropriar. Inicialmente percebe-se o aprender condicionado a estímulos, que dispensa a compreensão, segundo Perraudeau "é o caso do bebê que aprende a caminhar sem compreender as múltiplas relações entre o sistema nervoso e o muscular, apenas pela estimulação" (2009, p. 13)

Aos poucos a criança passa a compreender sobre a sua capacidade de memorizar, planejar ações usando e aplicando procedimentos simples a fim de conseguir realizar atividades que dizem respeito não só a reflexão, ao raciocínio, mas também as trocas verbais, a criação, à inovação, à tomada de decisão. Para Perraudeau (2009, p.14), a aprendizagem consiste em uma modificação da capacidade de um indivíduo em realizar uma tarefa sob o efeito de interações com o meio ambiente.

Em sua perspectiva sobre a aprendizagem, Vigotski (2012, p. 25) pensou em um sujeito total, corpo e mente na sua interação com a cultura e o social. O meio socialmente estruturado é onde a criança começa a se relacionar e aos poucos vai conseguindo dominá-lo por meio da linguagem, um dos instrumentos básicos responsável pela organização e desenvolvimento do "processo do pensamento". Para este autor, o "histórico se funde com o

cultural” e a linguagem “carrega consigo os conceitos generalizados, que são a fonte do conhecimento humano” (Vigotski, 2012, p. 26).

De acordo com o pensamento de Vigotski, a interação cultural interfere de forma significativa no desenvolvimento dos indivíduos como um todo, visto que é em seu primeiro meio social (a família) que o conhecimento e o desenvolvimento são iniciados e a criança vai se estruturando, acontecendo suas primeiras representações de mundo.

Mediante todas as ideias em estudo não há como desconsiderar que a relação entre os sujeitos, inicialmente a dois, mãe e filho, onde as atividades do dia a dia são executadas em parceria é de fundamental importância como diz Bronfenbrenner (1996). No momento dessas relações a mãe vai incentivando o filho a prestar atenção nas suas ações, o que proporciona à criança compreensão de seus atos e a aprendizagem de novos conceitos que ainda não domina no momento que um executa e o outro observa.

No momento da atividade conjunta, quando um realiza a atividade e o outro a complementa, há reciprocidade entre os participantes, o que gera um movimento que os motiva a perseverarem, propiciando seu processo de aprendizagem (Bronfenbrenner, 1996).

Ainda segundo Bronfenbrenner (1996) para um melhor desenvolvimento cognitivo e social, a relação vincular entre os sujeitos é de suma importância, pois a criança ao perceber as relações diferenciadas existentes, que caracterizam os fenômenos físicos e sociais encontrados em diferentes ambientes por toda a vida, em que algum momento se é autônoma, em outros se obedece a regras, vai conseguindo aos poucos compreender estas relações, que são de fundamental importância para favorecer a aquisição de habilidades interativas, como também estimular a interdependência.

Desse modo, entendemos a ideia de Chamat (1997) de que temos que ter convicção de que, em qualquer relação é imprescindível as interações afetivas, que provavelmente, sendo recíprocas, tendem a aumentar o ritmo e a probabilidade de ocorrência dos processos de desenvolvimento, inicialmente no meio familiar e depois no escolar.

Scoz (2009) considera ainda que se a relação for verdadeira, consistente entre os membros de uma família, possa vir a exercer grande influência na motivação da criança para a aprendizagem, pois é mais provável que ela adquira habilidades, conhecimentos e valores da pessoa com quem estabelece uma relação afetiva do que sozinha influenciando-a no estabelecimento vincular com seus professores, o que provavelmente a ajudará em seu processo de aprendizagem.

Ao observarmos uma criança no dia a dia resolvendo problemas, percebemos em determinados momentos, principalmente nos primeiros anos de vida, que ela necessita da ajuda de alguém para resolvê-los, sendo o início do processo de desenvolvimento, que interliga as histórias individual, social e fortalece suas relações vinculares.

Vigotski (2008) coloca que se as pessoas estiverem atentas, perceberão o potencial da criança na passagem do fazer sozinho e com ajuda, bem como seu desenvolvimento, sendo importante deixá-la vencer desafios para sua melhor autonomia ou para levá-la a novos níveis de aprendizagem, pois “o que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã” (p.129).

Em seus escritos Vigotski afirma ser importante oferecer em alguns momentos atividades desafiantes, acima do que a criança já demonstrou ser capaz de executar, oferecendo, então, ajuda a ela para que consiga resolver os problemas e assim percebermos seus níveis de desenvolvimento real e potencial, sendo que a distância entre esses níveis foi por ele denominada de zona de desenvolvimento proximal.

Ao se pesquisar sobre aprendizagem e principalmente sobre dificuldades de aprendizagem, a teoria de Vigotski desenvolveu-se de forma diferenciada se comparada às outras. O autor acima citado desde o início de suas pesquisas buscou compreender e explicar o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, voltando-se para o que elas são capazes de executar ou seja, para suas facilidades e não para as dificuldades em si.

Um dos campos de estudo desenvolvidos por Vigotski (1997) foi a defectologia. A defectologia pretendeu estudar as pessoas com algum tipo de deficiência e o processo de sua educação.

Neste campo de estudo Vigotski (1997 p.2) coloca que os “métodos psicológicos mais difundidos se fundamentam em uma concepção puramente quantitativa do desenvolvimento infantil complicado por um defeito.” Para ele as crianças que apresentam alguma dificuldade não são diferentes dos demais, apenas se desenvolvem de outra forma.

Esta pesquisa foi desenvolvida com crianças cegas e surdas, mas pensamos ser de suma importância para o trabalho com crianças que por algum motivo apresentam dificuldade de aprendizagem.

Para Martinez, “a situação de incapacidade experimentada pelo sujeito em decorrência da sua deficiência impacta o meio em que vive, gerando diversos tipos de atitudes, dentre elas a falta de investimento e o abandono educacional, complicando ainda mais os efeitos negativos do que a sua condição lhe impõe”. (2012, p. 236)

Hoje grande parte das crianças tem o direito de frequentar e de serem preparadas em escolas regulares e os pais ou responsáveis legais, o dever de matriculá-las e acompanhar seu desempenho, orientados pelos profissionais das instituições Mas, o que se percebe é que a falta de conhecimento das diferentes dificuldades de aprendizagem por parte dos profissionais da educação e insegurança dos pais, ainda tem prejudicado muito os processos necessários à aprendizagem das mesmas.

Em um primeiro momento as dificuldades da criança podem ser observadas nos anos iniciais de sua vida, quando tem início seu desenvolvimento físico, linguagem, socialização e independência. Já ao ingressar na escola, a dificuldade é diagnosticada a partir de seu desempenho nas atividades acadêmicas, visto que as instituições escolares se organizam a partir de um currículo com características homogêneas que não leva em consideração as individualidades. Anache (2012) diz que aprender é uma atividade cotidiana construída na

relação familiar e social, e um sujeito que apresenta dificuldades no decorrer de seu desenvolvimento requer uma atenção diferenciada, visto que cada um tem seu próprio ritmo. O educador deverá oferecer aos alunos diferentes atividades com o objetivo de melhor entender as formas de compreender e manifestar o conhecimento dos mesmos seja pela escrita, figuras e/ou símbolos e verbalização, o que pode lhes possibilitar maior atenção e descobrir novos caminhos de aprender. Desse modo, compartilha da ideia de Vigotski (2012, p. 144) de que “em contraste com um certo número de outras funções psicológicas, a escrita pode ser definida como uma função que se realiza, culturalmente, por mediação”.

Provavelmente a possibilidade que o sujeito tem de planejar suas ações, imaginar, recordar-se de situações vividas ou apropriar-se do sistema de signos (a linguagem, a escrita, o sistema de números) só vai ser possível a partir do seu convívio, apoio e trocas em seu meio social e familiar, o que o ajudará a adquirir conhecimento para poder utilizá-lo como instrumento de modificação de seu comportamento.

A afirmação de Vigotski (1998) é de que a fala, na interação social, é o instrumento cultural a partir do qual a criança adquire a possibilidade de se comunicar e organizar seu pensamento, o que mais adiante se torna de fundamental importância para ela poder expressar as suas dificuldades e facilidades, nos dando a possibilidade de perceber qual é o seu desenvolvimento real e potencial. Desta forma, a criança nos dá pistas para organizarmos as suas atividades escolares tendo maior segurança e comprometimento com seu desenvolvimento intelectual e principalmente respeitando a sua singularidade nesse processo, ou seja, a sua capacidade para realizar as atividades que se propõe, ajudando-a se necessário e lhe apoiando no momento em que for realizar essas atividades sozinhas.

Para Mitjans Martínez “a criança acede à escola com enormes expectativas, desejos, emoções, curiosidade... eu diria também com enorme desejo de aprender” (2005, p. 73) Compartilhamos dessa ideia de Mitjans Martínez referente a vontade de se desenvolver e a importância de dar continuidade a este desejo em si desenvolver vai depender de suas

relações, inicialmente no meio familiar e depois em suas trocas sociais. É necessário enfatizar o meio educacional, por exemplo, pois é o local onde os profissionais da educação devem procurar conhecer como a criança desenvolve o seu pensamento, a sua linguagem e o seu conhecimento nos níveis teórico e prático.

Para Vigotski (2008, p.118) “a aprendizagem se dá mediante o desenvolvimento de várias funções, sendo que a memorização do alfabeto vai se tornar possível se a sua atenção for suficiente para ater-se a ela e o seu pensamento já estiver desenvolvido a ponto de compreender a conexão entre signo e som”. Vigotski (2008, p. 123) afirma que nem sempre o que se oferece de informação à criança está adequado a sua experiência. Para que ela possa “aprender a escrever é necessário que já tenha um alto nível de abstração, se desligando do aspecto sensorial da fala substituindo palavras por imagens de palavras”. Segundo Scoz (2009), qualquer indivíduo, para aprender, principalmente a criança, tem necessidade de estar em um ambiente acolhedor, ser motivado, aceito, sentindo-se seguro para prosseguir em seu desenvolvimento. A criança necessita se sentir tranquila, apoiada tanto por parte dos educadores quanto de seus familiares, que devem respeitar a sua individualidade, o seu tempo e sempre que possível, se colocarem no lugar dela, na busca de compreender suas angústias e medos. Como afirma a autora:

alguns rumos que o pensamento humano tomou desde o século passado reforçam a crença de que os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos/sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais (p. 22).

Com isso a autora quer dizer que as dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças e adolescentes têm diferentes causas, o que demanda uma avaliação prévia na busca de respostas que possam subsidiar o trabalho escolar e terapêutico e orientar as famílias a perceberem como eles (as crianças e os adolescentes) aprendem, respeitando seu tempo e os ajudando a se conhecerem e acreditarem nas suas possibilidades até poderem organizar suas

rotinas diárias buscando estimulá-los adequadamente na busca de desenvolvimento. Anche (2012) coloca que

coloca que nem sempre a dificuldade em uma ou mais áreas do comportamento adaptativo pode significar deficiência intelectual, mas pode indicar os modos que o sujeito encontrou para se organizar nos seus espaços de relações e sobreviver a eles e com eles (p.241).

Segundo Vigotski (2008) são muitas as expectativas geradas pela família no momento das crianças iniciarem a vida escolar e para grande parte delas a escola passa a ser um lugar agradável, onde fazem amizades, se sentem seguras para se desenvolverem com tranquilidade. E ainda, segundo o autor:

Os anos escolares são, no todo, o período ótimo para o aprendizado de operações que exigem consciência e controle deliberado; o aprendizado dessas operações favorece enormemente o desenvolvimento das funções psicológicas superiores enquanto ainda estão em fase de amadurecimento (p. 131).

Para Mitjáns Martínez (2005) o aprendizado da leitura visual iniciado em casa, com a família, deve ser assegurado quando o acesso da criança à leitura e à escrita na escola, por algum motivo, não acontecer de acordo com o seu desejo e o de sua família.

Para Vigotski (2012) quando as crianças iniciam sua vida escolar já adquiriram habilidades e destrezas que a ajudam a aprender. É o que acontece quando começam a compreender e relacionar os nomes dos objetos e pessoas que convivem, por exemplo: a partir de embalagens; outdoor; mídia; etc. Isso ocorre principalmente no momento atual que vivemos cercados por inúmeros estímulos visuais.

Scoz (2009) afirma que para os educadores conseguirem maior segurança em seus trabalhos, inicialmente faz-se necessário conhecer profundamente como a criança se desenvolve em nível de pensamento e linguagem, pois o que se percebe é que nem sempre o que se oferece de informação está adequado a sua experiência.

As propostas elaboradas pelo corpo docente das escolas devem ser planejadas a partir de uma avaliação prévia do conhecimento de cada um de seus alunos nos primeiros dias

escolares, utilizando atividades desafiadoras com o objetivo de conhecer como cada criança aprende.

Vigotski (1998) considera que “as crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de produzir muito mais coisas” (p.115). Quando as mesmas estão envolvidas em situações de aprendizagem começa-se a perceber o que podem executar, suas facilidades e/ou dificuldades para adquirir conhecimento.

O professor atento, percebe quem consegue acompanhar os conteúdos estudados e os pais ou responsáveis, que mesmo já tendo percebido algo de diferente em seu filho ou não, são questionados e/ou orientados a buscar ajuda para se tentar encontrar um diagnóstico e compreender a causa da dificuldade apresentada pela criança.

Inicia-se, então, uma verdadeira maratona para a criança e seus responsáveis em busca de uma resposta satisfatória através de um diagnóstico, que os ajude a compreender sua dificuldade de aprendizagem, que pode vir a ter várias causas.

Mas o mais importante, independentemente do resultado da avaliação é a não rotulação da criança como incapaz e o apoio dos familiares, buscando não tratar a mesma de forma diferente, não causando ansiedade ou medo, o que pode vir a dificultar mais o entendimento e desbloqueio da dificuldade apresentada.

Para Cardoso (2008) o diagnóstico pode causar angústia nos pais ou simplesmente dar a eles e à escola uma justificativa para não mais se “preocupar” com o desenvolvimento da criança, o que possivelmente pode vir a prejudicar muito sua autoestima. O autor alerta para a importância da família, nesse momento, não desanimar e desistir de continuar estimulando e acreditando que seus filhos são capazes de aprender. Desse modo a autora acima citada compreende que

é necessário conhecer a história de vida da criança para se formular uma hipótese sobre que tipo de problema ela possa estar apresentando. É preciso cuidado com o diagnóstico para que esse não venha a ser uma sentença de morte em vida, impedindo o processo de subjetivação da criança, como tem acontecido com o diagnóstico de autismo (p. 148).

Vigotski (2003) concebe o desenvolvimento como um processo contínuo em qualquer situação. Para ele é a partir do momento em que fala e ação se complementam em uma mesma função psicológica que a criança passa a ser sujeito e objeto de seu próprio conhecimento. As associações são feitas e a aprendizagem passa a ser sistematizada sempre com a ajuda de outro na intermediação dos acontecimentos. Assim, o desenvolvimento interliga a história individual e a social.

A criança ao ingressar no meio educacional necessita ampliar seu sistema de signos até então percebidos e internalizados em seu meio familiar que foram culturalmente criados no decorrer da história da humanidade. Nas instituições educacionais torna-se necessário ser ampliado e reconhecido diferentes símbolos e signos para uma melhor aprendizagem.

Torna-se fundamental que o desenvolvimento das crianças se estruture e se adapte a estas novas formas de conhecimento sociais, sendo que a mesma necessita estar preparada para compreender o significado, a organização e coerência das palavras e frases de forma significativa para ela, pois só assim ela irá se apoderar do conceito e utilizá-lo no seu dia a dia (Vigotski, 2012).

Esta pesquisa se pauta na relação existente entre crianças com diagnósticos de dificuldade de aprendizagem e os membros de sua família buscando compreender como isto pode interferir ou não em seu desenvolvimento. Na teoria desenvolvida por Vigotski quanto as relações culturais e históricas, a aprendizagem e desenvolvimento são fundamentais para o aprofundamento da pesquisa bem como o sentido e significado das palavras para a análise dos dados. A teoria Histórico-Cultural desenvolvida por Vigotski afirma que a mudança do sujeito reside na interação social e cultural onde seu primeiro meio de interação é sua família, sendo ampliada mais tarde para a instituição de ensino na qual mantém relações, o que ocorre com os sujeitos de nossa pesquisa.

## 1.2 O Desenvolvimento Humano: alguns conceitos e suas perspectivas teóricas

A aprendizagem faz com que a criança se desenvolva. A criança internaliza as suas relações sociais que se ampliam por meio das interações e se convertem em desenvolvimento para ela. Sendo assim, para Vigotski “o processo de desenvolvimento não coincide com o da aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a área de desenvolvimento proximal” (2012, p. 116)

Para Vigotski (2012) “É através desta interiorização dos meios de operação das informações, meios estes historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica” (p.27).

Quando a criança nasce, inicia-se a interação com os membros de sua família. Inicialmente suas respostas são mais proporcionadas pela sua herança biológica. Através da mediação com os adultos os processos psicológicos que são intrapsíquicos começam a tomar forma e serem partilhados entre os indivíduos.

Segundo Vigotski (2001, citado por Pilletti, 2013) o desenvolvimento não é um processo previsível, universal ou linear, ao contrário, é construído no contexto, na interação social, por meio da aprendizagem. “A aprendizagem deve ser produzida de maneira a provocar e possibilitar o desenvolvimento que, a princípio, é mais restrito ao biológico” (p.93).

É consenso entre Relvas (2009) e Vigotski (2008) que toda criança ao nascer já tem todos os elementos biológicos indispensáveis para o seu desenvolvimento, que vai depender primordialmente de suas interações para que as mudanças aconteçam de forma a inibir as funções primitivas dando lugar ao desenvolvimento das formas complexas de adaptação, ou seja, as funções psicológicas superiores.

Como diz Vigotski (2008), a criança no momento que inicia a sua vida escolar passa a adquirir certo controle de suas ações e ter consciência de seus atos. É nesse momento que se percebe grande parte das dificuldades de aprendizagem das crianças, visto que, se exige maior

atenção para que consiga aos poucos conhecer as letras, as palavras, diferenciando e reconhecendo seu significado e os números com seus valores.

No decorrer das resoluções das atividades, paralelamente a atenção torna-se fundamental para que a memória seja ativada possibilitando reter as informações recebidas e sempre que necessário se possa retomar as mesmas para empregá-las no momento adequado. Piletti (2013) afirma que o sujeito em suas interações diárias tem a possibilidade de se relacionar e compreender as diferentes ações e comportamentos em seu meio social e educacional, o que o ajuda a se estruturar e desenvolver suas funções psicológicas superiores.

A criança em seus contatos diários passa por experiências diversas e vai aos poucos começando a compreender sua realidade, onde sua estrutura psíquica começa a se modificar. O mais importante a se observar neste processo da criança em desenvolvimento é que ele se dá no momento em que ela vai se apropriando das ferramentas culturalmente criadas pelo homem, como o desenho e a escrita, que inicialmente acontece de forma lúdica, em rabiscos aleatórios, só pelo prazer e com o seu desenvolvimento intelectual e motor vai conseguindo estruturar as formas em uma organização espacial adequada e inteligível para seu desenvolvimento.

Vigotski (2008) coloca que para que a criança possa desenvolver conceitos ou significados importantes para seu aprendizado, faz-se necessário o desenvolvimento de muitas funções intelectuais, sendo elas: atenção, memória, abstração, capacidade de comparar e diferenciar. Inicialmente conseguindo manter a atenção e depois conseguindo reter as informações através da memória imediata e de longo prazo.

Um bom exemplo é quando a criança na descoberta das primeiras letras e símbolos que vê nos lugares em que convive, descobre as letras de seu nome e aos poucos com a curiosidade de conhecer a letra de seus pais e familiares mais próximos, inicia sua aprendizagem, sendo sempre a partir daquilo que lhe é mais significativo.

Se desde o momento de seu nascimento a criança receber estímulos diversos, neste seu primeiro ambiente, produtor e reproduzidor de cultura e ideologia, possibilitando-lhe assim o convívio necessário na busca do processo de apropriação da cultura, possivelmente seu desenvolvimento será mais adequado. Para Sayão (2011) “uma família sempre se une a outra família, e as culturas vão se enriquecendo, embora ainda assim seja possível identificar um núcleo” (p.32).

Segundo os estudos de Vigotski (1998) um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento intelectual é a aquisição da fala. A criança inicialmente balbucia palavras soltas sem conexão, algumas apenas com a intenção de nomear algo ou alguém. A partir do momento que consegue fazer a junção das palavras elaborando pequenas frases para se comunicar, seu desenvolvimento tem um grande salto. Em uma segunda etapa a criança já é capaz de compreender e fazer a junção das palavras e suas ações, esse é o momento da função planejadora da fala conseguindo refletir sobre seus atos e ações adquirindo o controle de seu próprio comportamento e do ambiente social. Segundo o autor,

O momento de maior significado no curso de desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem (p. 33).

No decorrer do processo de desenvolvimento da criança, a compreensão da fala a partir do momento em que ela consegue estabelecer um diálogo mais coerente, conseguindo utilizar sua linguagem para compreender e resolver seus problemas, retirar dúvidas, a possibilidade de ser ajudada a sanar sua dificuldade se torna mais viável por parte dos educadores e responsáveis. Essa etapa só acontecerá um pouco mais tarde, no desenvolvimento da criança. Isto é, quando já demonstra maior autonomia para estruturar sua fala e pensamento, adquirindo uma função intrapessoal além do seu uso interpessoal sendo fundamental a atenção e respeito pela sua individualidade.

Como coloca Vigotski (1998) quando a criança começa a questionar e a pedir a colaboração de um adulto para resolver determinado problema, ela está demonstrando um comportamento social necessário para seu desenvolvimento. Sempre que a criança necessita da ajuda para resolver questões além do que ela ainda é capaz de resolver, está demonstrando que teve início o processo de desenvolvimento interligando história individual e social.

Na fase mencionada os pais ou responsáveis têm que estar atentos para estimular a cada momento todas as descobertas da criança, principalmente não tentando adivinhar o que querem, mas deixando-as pedir para conseguir o que desejam, visto que as pessoas que a criança convive tem que procurar estimulá-la, transmitir-lhe segurança e ao mesmo tempo provocá-la, levando-a a procurar vencer sempre mais obstáculos. Para Piletti (2013), a apropriação do conhecimento se dá inicialmente nas trocas familiares e depois vai ampliando para diferentes espaços até confrontar com o ambiente escolar, onde se tem contato com diferentes comportamentos e ações de seus colegas e professores, reflexo de diferentes culturas.

A criança desde seu nascimento passa por inúmeras mudanças e vai se desenvolvendo gradativamente, como afirma Vigotski (1998), a criança inicia seu aprendizado muito antes de frequentar a escola. Este é o momento de diferentes descobertas e desafios e mais do que nunca a criança vai necessitar de apoio para suas novas experiências neste novo espaço, com respeito a sua individualidade, permitindo que ela vá se desenvolvendo, segundo suas potencialidades e vencendo os desafios que lhe forem impostos e não que se resolva por elas.

É nesse momento que se percebe grande parte das dificuldades de aprendizagem das crianças, visto que, se exige maior atenção para que consiga aos poucos conhecer as letras e as palavras diferenciando e reconhecendo seu significado e os números com seus valores. Neste momento temos que aprofundar nossos conhecimentos em conceitos de excepcional importância na tentativa de compreender os níveis de desenvolvimento real e potencial.

Segundo Vigotski (1998) temos o nível de desenvolvimento real, que determina as funções mentais da criança que estabelecem os processos já completos, ou seja, amadurecidos e

possibilitando resolver atividades sem acompanhamento. Outro nível de desenvolvimento é o proximal, que determina a capacidade do sujeito de executar determinadas tarefas com ajuda de um mediador, seja o professor, pais ou colega que vai lhe dando pistas ou assistência no processo de resolver as atividades definindo, assim, quais as funções que ainda não amadureceram.

Vigotski (1998) em suas pesquisas propôs a duas crianças da mesma idade solucionar problemas inicialmente sozinhas e depois com ajuda, em seguida constatou que a maneira diferente de resolver os problemas estabeleceu que elas não tivessem a mesma idade mental. Para este autor, a Zona de desenvolvimento proximal é um instrumento que possibilita aos psicólogos e educadores entenderem o curso interno do desenvolvimento.

Para a criança, o momento em que ela necessita se apoderar da linguagem e internalizá-la, sendo ela instrumento mediador de grande importância em seu convívio social o educador deverá procurar conhecer a Zona de desenvolvimento proximal para lhe oferecer o apoio necessário. Sua ação, em seu diálogo interior é considerada extremamente importante e difícil, pois a fala se desenvolve a partir da organização e reorganização de seus pensamentos em determinado momento, apresentando mudanças e superação.

A partir das constatações evidenciadas anteriormente é de fundamental importância para todos que trabalham no processo de aprendizagem de crianças, o estudo de seu desenvolvimento como um todo e, principalmente daquela que apresenta dificuldades de aprendizagem, na perspectiva de compreender seu desenvolvimento e as prováveis dificuldades que possam surgir nos primeiros meses de sua vida ou no decorrer de seu desenvolvimento.

O objetivo principal das instituições de ensino deverá ser o de oferecer às crianças atividades que possam lhes ajudar na busca do conhecimento da escrita, das palavras e linguagem, independente de suas dificuldades e tempo para aprender. E se for possível essas atividades devem ajudar em suas reflexões na busca de respostas e tranquilidade quanto as suas angústias, pois como afirma Holmes (2007):

O nível de desempenho que resulta da combinação de retardo com outros problemas pode refletir os níveis funcionais atuais de habilidade dos indivíduos (ou seja, o que eles são capazes de fazer considerando todos os seus problemas), mas não reflete o que eles seriam capazes de fazer intelectualmente se seus outros problemas fossem tratados (p. 440).

Olhando por essa perspectiva, os profissionais da educação bem como os pais devem estar bem atentos ao desenvolvimento da criança no seu dia a dia, bem como serem capazes de perceber sua capacidade de organização espacial, de pensamento e verbalização para que a partir do que ela é capaz de executar, ou seja, seu nível de desenvolvimento potencial. Para isso é necessário oferecer a ela atividades que façam com que se sinta mais tranquila na busca pelo esclarecimento de suas dúvidas e seja capaz de esclarecê-las.

### **1.3 A família, suas transformações histórico-culturais e as transformações da escola**

Refletiu-se sobre as transformações das famílias no decorrer da história da humanidade por se perceber que é de fundamental importância o estudo sobre as representações sociais que os indivíduos tem sobre elas e de como elas interferem em seus processos de desenvolvimento, especialmente no desenvolvimento das crianças.

Ao fazermos a leitura do livro de Ariès podemos compreender que na Idade média as iconografias que foram preservadas retratam inicialmente o homem (sozinho) sendo representado simbolicamente a partir de suas profissões (ofícios) e as estações com suas plantações e festas, talvez vinculadas a sua sobrevivência. A figura feminina só começa a ser representada fazendo parte das cenas a partir do século XVI.

Neste período as fases da vida eram três ou quatro: infância; juventude; maturidade; e por último, a velhice. Somente na segunda metade do século XVI e XVII as cenas mostram uma família completa já com a criança fazendo parte dela como coloca Ariès (2012) “O sentimento de família, que emerge assim nos séculos XIV – XVII é inseparável do sentimento da infância” É neste momento que nasce a família patriarcal onde, todos seus membros, pais, filhos, sobrinhos,

primos viviam em uma mesma propriedade sobre a supervisão do pai, o homem. Pois a mulher era considerada incapaz, passa a se estabelecer, então, uma “monarquia doméstica”.

A partir do século XII percebe-se nas pinturas o surgimento de contratos de aprendizagem que revelam a preferência em confiar seus filhos a partir de sete anos a outra pessoa da família e depois a estranhos para serem ensinados, principalmente os afazeres domésticos comuns para a época, talvez esta seja a causa dos criados também serem considerados da família. Para Ariès “A família não podia, portanto, nessa época, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental” (Flaksmam et al., 2012, p.219). Somente mais tarde, quando a educação passa a ser responsabilidade da escola cresce o sentimento de vigiar os filhos mais de perto e não abandoná-los mais.

Neste trabalho foi de fundamental importância compreender o conceito que se tem de família na Psicologia para melhor direcionar a reflexão sobre o tema como um todo. A partir de minhas leituras referentes ao tema compreendi que a família nuclear, que perdurou por todo o século XX, começou a apresentar mudanças segundo seu movimento histórico-cultural e seguir diferentes padrões, se renovando na busca de atender demandas produzidas pelo capitalismo globalizado. Costa (2009) afirma que

a família é um grupo social estruturado por descendência, afinidade, onde se estabelecem regras a partir de sua cultura, mas que podem sofrer mudanças no momento de trocas sociais não sendo possível assim generalizar os costumes e atitudes dos mesmos (p. 358).

Os estudos históricos sobre esse tema revelam os acontecimentos que interferiram na organização e relações entre os membros de uma família desde o início do século, nas quais se percebe que este foi um momento social em que as pessoas não tinham como objetivo o consumismo, nem acúmulo de bens materiais e os adultos se relacionavam com as crianças e as tratava como pequenos adultos. Nesse mesmo período as famílias ficavam durante grande parte do tempo juntas, brincando, jogando alguns jogos sem nenhuma restrição.

Já no início da industrialização, as famílias sofrem mudanças a partir do momento que as mulheres se sentem obrigadas a trabalhar para sua sobrevivência e as crianças começaram a frequentar os jardins de infância com o intuito de serem cuidadas e não alfabetizadas. Mas a maior mudança acontece quando a mulher conquista seu espaço no mundo do trabalho e passa a fazer escolhas com maior liberdade e nem sempre, a dedicação à família e filhos fazem parte destas escolhas e mesmo que queira, a sobrevivência fala mais alto, resultando em todos estes acontecimentos na sociedade. Principalmente na vida das mulheres ou talvez mães. Essas mudanças, como coloca Portella (2008) evidentemente, não deixaram de influenciar as crianças e adolescentes,

e a drástica falta de empregos, as consequências da crise econômica das últimas décadas agravaram a precariedade da vida de um grande número de famílias, tornando excluídas dos processos produtivos sociais e econômicos da sociedade. O progressivo empobrecimento das famílias, associado à má distribuição de renda do país afeta principalmente os mais vulneráveis dessa população, que são as crianças e os adolescentes (p. 90).

Todos esses acontecimentos provocaram grandes mudanças no modo de agir e pensar de grande parte dos indivíduos. Em uma sociedade capitalista onde o que importa é adquirir sempre mais, o pensamento de que não se pode abdicar de nada em função dos filhos e principalmente quando o filho idealizado não corresponde às expectativas e às vezes a não aceitação da dificuldade se torna um problema que precisa ser aceito como cita Sayão (2011) “Os pais fazem de tudo para tornar tal história real e dificilmente percebem que seu filho pode ser diferente daquele que foi gestado mentalmente. Isso porque essa imagem faz parte daquele sonho que compramos” (p.31).

Apesar de todas as mudanças ocorridas ainda é através da organização e relação entre os integrantes da família que se transmitem os valores, normas e experiências tão necessárias para o desenvolvimento do ser humano e que conseqüentemente possibilita seu melhor envolvimento nas relações sociais. Assim que a família recebe em seu meio um novo integrante torna-se importante a sua aceitação e integração, bem como o atendimento a suas necessidades

básicas e afetivas na tentativa de que possa tornar-se mais tranquilo, integrado aos valores culturais de seu meio familiar e social principalmente se apresentar algum tipo de dificuldade no desenvolvimento.

Segundo Oliveira (2007), a família é uma das referências principais para o desenvolvimento da identidade pessoal dos sujeitos, sendo neste espaço social imediato que ocorre o encontro e trocas mais significativas, na qual cada membro vem determinar a expressão e a realização dos demais membros. Com o decorrer do desenvolvimento histórico social, a família concebida anteriormente como ideal, passou a fazer parte de um grupo mais reduzido, o que não significa que as novas configurações familiares não devam ser consideradas e aceitas, sendo que o mais importante são as relações entre seus integrantes e construídas a partir do respeito e afetividade.

Diferentes mudanças ocorreram nas famílias quanto a sua constituição, valores e prioridades, bem como na educação em relação a sua estrutura física e metodológica nos últimos anos. As crianças tiveram que aprender a se socializar mais cedo nas creches, as mães, às vezes com sofrimento, tiveram que deixar seus filhos aos cuidados de terceiros para cumprir a exigência de um mercado de trabalho competitivo e a necessidade de sobrevivência. Os pais são obrigados a também participar da educação dos filhos, mesmo não estando preparados para isto e,

Na grande maioria das vezes, acabam por não querer repetir a educação repressora que receberam, ou mesmo por comodismo (porque sabemos que educar é mesmo desgastante e trabalhoso), sendo permissivos em demasia e não conseguindo passar uma ideia positiva de moral e ética (Boechat, 2007 p.17-18).

Sayão (2011) afirma que vivenciamos atitudes em que os pais avisam as crianças para não executarem determinada ação e se ela o faz, a colocam no cantinho para pensar esquecendo que em primeiro lugar a criança pode estar querendo chamar a atenção dos pais por querer mais atenção e em segundo lugar, uma criança após cinco segundos não se lembra mais do motivo que a levou para o castigo. Com as mudanças da sociedade e das famílias a escola também

muda, deixando de seguir um modelo tradicionalista dando lugar a um movimento mais democrático e liberal, isso trouxe insegurança para alguns educadores e pais quanto à nova forma de orientar seus filhos na convivência familiar bem como em seus estudos.

Por isso o presente trabalho concorda com Turkenicz (2008) quanto ao que pode ter gerado na sociedade as mudanças ocorridas nas configurações familiares: o desrespeito às regras e limites, ou seja, uma sociedade permissiva. Essa problemática reflete no funcionamento das escolas e, portanto, nos processos de aprendizagem das crianças e adolescentes, já que as escolas também mudaram seus projetos de trabalho e passaram a assumir papéis que não seriam dela. Para Sayão (2011) “a escola passou a achar que a família não sabia cuidar direito de seu filho, e começou a chamar os pais para orientá-los, sobre o melhor modo de educação” (p.37).

Atualmente temos várias instituições escolares que tem oferecido ajuda aos pais, buscando orientá-los através de palestras informativas sobre o que percebem ser necessário para o melhor desenvolvimento de seus filhos e lhes oferecendo apoio sempre que necessário, já que estão cada vez mais ocupados em seus afazeres, na luta pela sobrevivência e o tempo que dispõem para estarem próximos dos filhos se tornou bem escasso. Todas as mudanças desse tipo têm gerado controvérsias, gerando debates contra e a favor por parte dos pais, professores e teóricos como afirma Sayão (2011) “nenhum de nós tem competência para ensinar aos pais como devem educar seus filhos, porque cada família tem uma cultura e um tipo de relacionamento muito próprio” (p.38).

Como as crianças e adolescentes têm direito a assistência por parte do governo, várias mudanças começaram a acontecer nas instituições escolares tais como a ampliação de sua permanência no espaço escolar. O aprendizado social, antes de responsabilidade dos pais, passa também a ser objetivo das escolas, isso tem gerado uma nova visão por parte dos integrantes da escola, passando a interferir de forma mais direta na educação das crianças, às vezes até no que deveria ser de responsabilidade das famílias.

Penso que temos que tentar compreender que as novas formas de organização familiar fazem parte de uma nova sociedade que tem outros valores, outras prioridades e que deve-se respeitar as individualidades destes indivíduos, não sendo o papel da escola interferir nos aspectos pessoais destas famílias, mas sim, sugerir mudanças, fazer encaminhamentos que se perceber necessário para melhor aprendizagem das crianças e que faz parte da responsabilidade dos profissionais da educação.

Como coloca Mello (2008), a dificuldade de aprendizagem que se tem estudado e observado são geradas por diversos motivos, um dos mais comuns é a insegurança e medo que a criança tem de se arriscar, devido talvez, a permissividade e descrença no potencial que seus pais e familiares demonstram, gerando uma baixa autoestima e resistência para prosseguir na busca de seu desenvolvimento. Pois é consenso que qualquer indivíduo necessita de se sentir amado por alguém que possa confiar e se orgulhar de si mesmo. Mas nem sempre é o que acontece, principalmente hoje que vivemos em uma sociedade individualista. Bordognom (2008) diz que:

Em uma dinâmica familiar, os vínculos emocionais [...] que atam uns aos outros têm a densidade de um fio de aço: possibilitar movê-los, flexibilizá-los ou desatá-los é convidar os membros de um sistema familiar a percorrer um caminho cheio de perigos, mas com possibilidades imensas de novas descobertas (p.38).

Retomando os papéis da família e da escola não há como deixar de reforçar que as duas instituições têm como objetivo o desenvolvimento moral e ético da criança.

## **CAPÍTULO 2: OBJETIVOS E METODOLOGIA**

### **2.1 Objetivos**

Nesta pesquisa, o nosso objetivo geral foi compreender que concepção as famílias tem da dificuldade de seus filhos e analisar como isto interfere nos processos de aprendizagem dos filhos com diagnóstico de dificuldade de aprendizagem, é se percebem que seu apoio é de fundamental importância nos processos de desenvolvimento desses filhos. Os objetivos específicos foram: a) identificar os sentidos que as famílias atribuem às dificuldades de aprendizagem dos filhos; b) analisar como esses sentidos representam as suas concepções sobre as dificuldades dos filhos e como eles repercutem nos processos de aprendizagem dos filhos; c) descrever como as famílias, por meio da produção expressiva podem refletir sobre seus sentidos e as suas representações sobre as dificuldades dos filhos.

### **2.2 Considerações Teórico-Metodológicas**

A pesquisa foi desenvolvida com base na Epistemologia qualitativa de Gonzalez Rey (1997), por meio da qual o pesquisador e sujeitos constroem um vínculo interativo e dialogam sobre o tema estudado. Assim, esta pesquisa teve um caráter qualitativo no sentido de que os sujeitos devem ser participantes ativos da construção do conhecimento sobre o tema e, se possível, na transformação de suas concepções sobre ele. Foi escolhida a metodologia qualitativa desenvolvida por González Rey organizada em oito encontros com as famílias participantes, associada aos recursos da arte para a construção do conhecimento.

Na perspectiva da Epistemologia Qualitativa, a pesquisa deve ser um processo dinâmico em que o pesquisador vai aos poucos levantar hipóteses que estejam sempre

vinculadas ao modelo teórico escolhido, estruturando as informações de forma a dar legitimidade a elas. Nesse processo as informações devem se tornar inteligíveis para o pesquisador, o que vai lhe proporcionar visualizar os sentidos expressos pelos sujeitos sobre o tema e se motivar a continuar aprofundando seus estudos na busca de novas informações e conhecimentos.

Ao compreender o problema da pesquisa temos a possibilidade de reorganizar novas articulações para avançar na criação de novas zonas de sentido para o sujeito participante, o que para Gonzalez Rey (2010) vai proporcionar tranquilidade ao pesquisador de prosseguir construindo novos momentos de inteligibilidade sobre o elemento de sua pesquisa avançando em seu conhecimento. De acordo com González Rey o sentido caracteriza o processo da atividade humana em seus diversos campos de ação.

Para Vigotski (2008) o sentido da palavra predomina sobre o seu significado “[...] uma distinção que devemos a Paulhan. Segundo ele, o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência” (p. 181).

Em nosso estudo buscamos no decorrer dos encontros, compreender a concepção que os participantes têm da dificuldade de aprendizagem apresentada pelas suas crianças, proporcionando o diálogo entre eles sobre suas vivências e relações familiares. Vigotski diz, “uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge: em contextos diferentes, altera seu sentido” (2008, p. 181). Percebemos este processo ao vivenciarmos determinado acontecimento em nosso meio a partir de divergências, confrontos ou dominação que gera emoções diversas.

As reações produzidas pelo sujeito representam uma expressão de sentido provocada pela ação do outro e que pode vir a modificar ou reforçar o que se pensa sobre determinado assunto. Como coloca Vigotski, “esse enriquecimento das palavras que o sentido lhes confere a partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras” (2008, p.181)

Para nós, a expectativa é a de que os participantes possam refletir sobre o sentido de suas vivências a partir das dificuldades de seus filhos no decorrer das trocas verbais e criações plásticas compartilhadas nos encontros entre o pesquisador e participantes.

Para Gonzalez Rey (2010), o sentido individual está sempre associado à história e contexto de cada sujeito. O sentido não é algo que detectamos imediatamente, mas sim se encontra disperso nas produções totais das pessoas, o que requer por parte do pesquisador buscar compreender e interpretar as construções no decorrer da pesquisa produzindo inteligibilidade sobre os mesmos.

Uma das possibilidades metodológicas propostas por González Rey para se ter acesso ao sentido e que se pode utilizar no decorrer de todo o processo de pesquisa para sua melhor compreensão é a utilização da comunicação de forma direta ou indireta (entre os participantes) que é onde se pode conhecer o entendimento individual de cada integrante a respeito dos acontecimentos sociais que os cercam e neste caso, em específico, como se dá a compreensão e aceitação, ou não, por parte dos pais ou responsáveis, da dificuldade de aprendizagem de seus filhos, tentando perceber seus interesses, desejos e contradições.

Outro procedimento utilizado na pesquisa é o completamento de frases que apresenta indutores curtos a serem preenchidos pelos participantes. Como propõe Gonzalez Rey “o complemento de frase, em seu conjunto representa um trecho de informação que nos revela sentidos subjetivos muito distintos acerca dos sujeitos estudados” (2010, p.58).

No caso de nossa pesquisa, evidenciamos a importância de utilizarmos o completamento de frases na maioria dos encontros com as famílias mas percebemos que isso seria inviável devido à dificuldade de organização de pensamento e escrita das participantes.

Com o objetivo de oferecer aos participantes da pesquisa momentos de experimentação e descoberta, utilizou-se nos encontros, modalidade artística planejada a partir da função de cada material e técnica como, por exemplo, a argila que possibilita o fazer

e refazer favorecendo a autoconfiança, aos mesmos para que se percebam capazes de superar seus desafios. (Urrutigaray, 2004)

Vigotski diz que “em escultura um negro pode ser branco, como na lírica um sentimento sombrio pode ser expresso pelo coreu. Mas é inteiramente verdadeiro que ambos os fatos precisam de uma explicação especial, e só a psicologia da arte pode dá-la” (1999, p.21).

Para melhor compreender o motivo de escolha da arte como metodologia, torna-se importante fazer uma pequena retomada da evolução da história da arte até o momento em que o desenvolvimento do processo criativo se torna objetivo principal do trabalho artístico.

Como comenta Strickland (1999) verificaremos que a partir do momento em que a arte perde sua função utilitária de retratar os acontecimentos sociais que ocorreram no início da utilização da fotografia, os artistas perdem seu papel de retratistas e começam a pesquisar sobre a composição e organização de formas e cores com maior realismo como o estilo impressionista. Para Strickland “o impressionismo se separou radicalmente da tradição rejeitando a perspectiva, a composição equilibrada, as figuras idealizadas e o chiaroscuro da Renascença” (1999, p.96).

Os artistas expressionistas provocaram grandes mudanças no jeito de produzir as obras de arte, que na verdade foi um trabalho de complementação da pesquisa e estudos do conhecimento da arte, vinculado aos processos compositivos e as cores que mudam constantemente de acordo com os efeitos da luz, do reflexo ou do clima sobre a superfície do objeto.

O fazer artístico tem início com total liberdade de criação e, principalmente, com ênfase na produção criativa buscando retratar o seu meio social e sentimento interior, que foi o resultado das produções expressionistas, simbolistas e principalmente a surrealista que busca representar imagens bem criativas, resultado alcançado por Joan Miró e Frida Kalo em suas pinturas.

A partir deste momento diferentes estilos foram surgindo e a pesquisa e utilização de diferentes materiais se tornou frequente. Assim, a arte por suas diferentes possibilidades se transforma em um elemento facilitador em nossa pesquisa. O acesso simbólico e verbal irá emergir dependendo de como se encontra o indivíduo, podendo ser compreendido seu significado a partir da análise de diferentes produções expressivas surgidas nos encontros e relação com sua fala, mas nada é extremamente rígido, principalmente porque as imagens são pessoais e seguem um desenvolvimento próprio relacionado ao momento pessoal de cada um.

Para que criem livremente dando continuidade a sua descoberta criativa deve-se planejar atividades adequadas que venham desenvolver este potencial. O desenvolvimento do processo criativo torna-se importante principalmente por que, segundo Ostrower (2007):

o potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível - cultural- consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar – se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre (p.27).

A arte pela sua própria concepção oferece diferentes atividades e materiais para o indivíduo desenvolver o seu processo criativo. Isso os ajuda a se descobrirem como seres capazes de transformar sua realidade e melhorar todo seu desenvolvimento. De acordo com Urrutigaray (2004),

a possibilidade de se perceber nas suas dificuldades, dado às imposições deferidas pelo próprio uso dos materiais plásticos, confere ao usuário as noções de limitação, de aceitação e de humildade diante de suas dificuldades. Tornando-o mais humano, mais próximo de si mesmo e dos demais (p.69).

Como todo o processo da pesquisa se organiza a partir de diferentes possibilidades de expressão artística dos sujeitos com os materiais a eles oferecidos, faz-se necessário conhecer a função de cada material no desenvolvimento do trabalho como, por exemplo, saber que o material seco por ser facilmente controlável ajuda no equilíbrio das emoções e que já as tintas,

ou qualquer material fluído, produzem maior atenção e dificuldade em controlá-lo, sendo, portanto, um excelente meio para manifestar emoções.

Como definido por Ciornai (2004) dentre as diversas possibilidades artísticas, a argila, por ser maleável e utilizar as mãos para criar as imagens, retoma experiências mais fortes, mais viscerais que são difíceis de serem verbalizadas devido à interferência da consciência do ego. A argila por sua vez pode provocar também rejeição ao material pela questão regredida do mesmo, ligadas ao aspecto de sujeira internalizada. Mas promove também o desenvolvimento da autoconfiança a quem pratica por poder ser feito e refeito.

Dentre os materiais utilizados, o de maior preferência para as crianças e os adolescentes é o trabalho de construção com sucata, pois provoca grande possibilidade criativa e facilita as manifestações de experiências interiores onde as dimensões “ordem, desordem e nova ordem” oferecem prazer durante o contato com o material, favorecendo a percepção de novas organizações que surgem a partir do transformar e do reconstruir.

Deve-se considerar o que discute Philippini (2009) ao dizer que qualquer material poderá ser utilizado no trabalho, basta organizar as técnicas que são inúmeras. O mosaico, por exemplo, permite ressignificar, reconstruir, atribuir um novo sentido e descobrir beleza em material quebrado e/ou descartado. O bordado por utilizar linha e agulha nos ensina sobre a necessidade do cuidado, minúcia, atenção e concentração. Assim o terapeuta tem que ser um pesquisador de materiais alternativos e convencionais, conhecendo sua utilização em diferentes suportes, na busca de conduzir o processo de forma a proporcionar equilíbrio e criatividade a todos do grupo.

## **2.3 Método**

O local escolhido para a realização da pesquisa foi o Centro Municipal de Apoio a Inclusão (CMAI) que tem como objetivo oferecer a todas as crianças da rede municipal que

têm diagnóstico de dificuldade de aprendizagem, um atendimento especializado em diferentes áreas que a mesma necessitar, tais como: fisioterapia, psicologia, psicopedagogia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, teatro, dança, psicomotricidade, neuropedagogia, arteterapia, musicoterapia e informática educativa.

## **2.4 Participantes**

Foram convidadas a participar da pesquisa quatro famílias, das quais apenas duas permaneceram até o final do processo. As famílias participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido concordando com todos os itens e permitindo a utilização das imagens de suas produções criativas e de suas verbalizações. Seus nomes são fictícios, ou seja, as suas identidades foram preservadas. Apenas suas idades e gêneros são reais por se perceber a importância destes itens para a pesquisa.

Para melhor compreensão das diferentes configurações das famílias participantes decidimos construir por meio de genetograma, que é uma proposta de McGoldrick e Gerson (1995), a apresentação das famílias participantes, após uma breve descrição dos aspectos contidos nos prontuários das crianças, considerados pela instituição como importantes para a sua avaliação inicial: a queixa da família sobre a criança, a queixa da escola., as práticas educativas das famílias e algumas observações para conclusão da avaliação.

### **- FAMÍLIA X**

**PARTICIPANTES:** Inês (avó - idade, 61) e Denise (neta por parte de pai idade- 11). O filho de Inês se casou e da união nasceu Denise. A mãe da mesma já teve um primeiro relacionamento e teve uma filha dessa união. Quando se casaram, Inês cedeu uma parte de sua casa para o casal e a filha do primeiro casamento de sua nora. Inês mora no mesmo lote com

os seus dois filhos. Após a separação do casal, Inês ficou responsável pela menina e por ter apresentado dificuldade de aprendizagem, tem recebido atendimento no CMAI desde maio de 2012. É importante destacar que a avó recebeu o nome fictício de Inês e sua neta de Denise.

### **Dados da anamnese de Denise**

#### **Queixa da família**

- ✓ “Ela é muito levada, mexe em tudo, destrói tudo que vê pela frente, bate nas outras crianças, briga com todos em sua volta é muito agressiva”.

#### **Queixa da escola**

- ✓ “Dificuldade na aprendizagem na atenção e concentração. Segundo a avó a mãe tomou medicamento para abortar. Apresenta indicação de TDAH F-90”.

#### **Práticas educativas da Família**

- ✓ “A avó apenas ameaça bater com o cinto, mas a mãe bate, dá murro nas costas, puxa cabelo. “A avó que a disciplina”. “A mãe é violenta, na medida”.

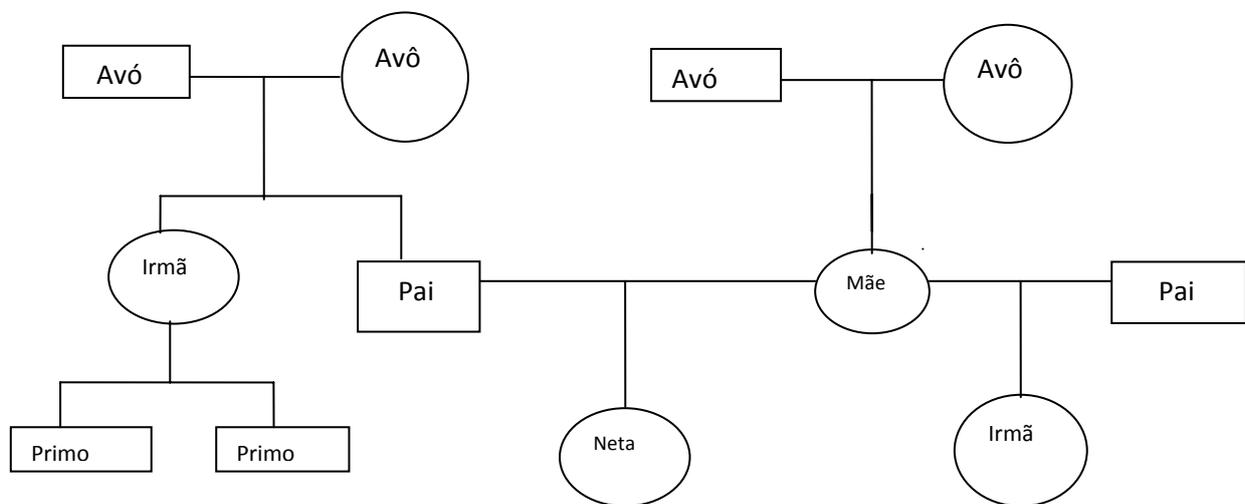
#### **Observações**

A avó relata que a mãe tomou remédio para abortar, mas não conseguiu. A mãe é muito agressiva e tem hábitos estranhos. Por exemplo, furta pequenas coisas nos locais onde trabalha, segundo a avó. Sua relação com a filha é tumultuada, fala que não vai ensinar as tarefas escolares para a criança porque se quiser aprender terá que fazer sozinha. A avó demonstra ter medo da nora, tanto que pediu para não falar nada do que foi dito na entrevista. Quem ajuda a criança nas atividades escolares é a tia, irmã do pai. Atualmente os pais estão separados e a criança mora com a avó e o pai.

## Conclusão da avaliação

A educanda demonstrou dificuldade no processo de aquisição do conhecimento, essas dificuldades sugestivas de fatores emocionais, (tendência a atitudes agressivas e hostis, insegurança, indícios de experiências traumáticas, ansiedade, necessidade de proteção vinculada à figura materna); ambientais, (Estrutura Familiar Fragilizada e Pobreza de Estímulos); e Orgânicos (circular de cordão). Durante o processo de avaliação, a menina demonstrou desatenção e impulsividade. Porém, as dinâmicas familiares e ambientais podem reforçar tais atitudes e comportamentos, agravando a conduta inadequada.

## Genetograma da família X



## - FAMÍLIA Y

**PARTICIPANTES:** A segunda família é composta de mãe e filha, onde a mãe tem 44 anos e a filha 14. Os nomes fictícios ficaram: mãe (Áurea) e a filha (Laís). As duas moram sozinhas desde a morte do pai da menina. No período da pesquisa estavam morando em uma casa alugada desde a morte da mãe de Áurea. A mesma é atendida desde 2011 no CMAI.

## **Dados da anamnese de Aurea**

### **Queixa da família**

- ✓ “Desatenciosa, dificuldade de compreensão, nervosa e muito ansiosa.”

### **Queixa da escola**

- ✓ “O desenvolvimento cognitivo da educanda está abaixo do esperado. Não consegue realizar leitura e nem tão pouco a escrita.”

### **Conclusão da Avaliação**

A menina apresentou prejuízos no seu DNPM (Desenvolvimento – Neuropsicomotor) demonstrando dificuldade no processo de aquisição dos conhecimentos, estando seu desenvolvimento aquém do esperado para sua faixa etária. Tais dificuldades são sugestivas de fatores emocionais, ambientais (pobreza de estímulos, desestrutura familiar) psicomotores (noção espaço temporal, o equilíbrio estático e dinâmico, noção corporal e lateralidade) e orgânicos.

Ainda sobre os fatores orgânicos a educanda é portadora de deficiência mental leve (CID 10 – F.70) e de transtorno de ansiedade (agorafobia CID 10 – F 40) segundo atestado médico. Conforme anamnese há suspeita de Anoxia Neonatal.

Em relação aos fatores emocionais, Laís demonstrou dificuldades relativas à competência interpessoal, tende a não se expor e suas atitudes são caracterizadas por esquivos, dificultando a regulação de suas próprias emoções, o que atrapalha o seu processo de aprendizagem; já não confia em si mesma, no ambiente e tão pouco no outro. Levando em consideração que a aprendizagem se dá na relação com o outro, na capacidade de confiar nele e aceitar tal dependência, o seu processo de aquisição de conhecimento fica prejudicado levando-a a acúmulos de atrasos cognitivos.

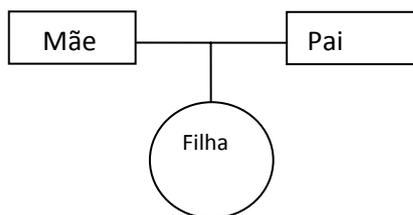
### Como você vê seu filho?

- ✓ “Para mim é uma criança normal, gosta de conversar, brincar, é amorosa, muito otimista, me incentiva a fazer exercícios.”

### Observações

Áurea tinha 30 anos quando engravidou e estava fazendo tratamento para hanseníase quando soube da gestação. Por causa do tratamento, Áurea estava emocionalmente triste e fragilizada. A criança nasceu de 7 meses, parto cesária, demorou para chorar, roxinha, ficou na incubadora por 09 dias.

### Genetograma da família Y



### 2.5 Procedimentos e instrumentos de pesquisa

A pesquisa foi realizada por meio de encontros semanais de 50 minutos cada. Foram oferecidas diversas atividades de arte para as crianças e suas famílias. A análise das informações foi orientada a partir das produções práticas, completamento de frases, escrita criativa e verbalizações no decorrer dos encontros.

Os encontros se iniciavam com uma sensibilização através de um conto ou história, música, relaxamento ou conversa informal para que se preparassem para a criação livre a partir do material oferecido. No decorrer do encontro a comunicação entre os participantes e a pesquisadora fluía livremente a partir do assunto que surgia, sendo gravadas todas as verbalizações para análise.

Foram oferecidos diferentes materiais para que as crianças e suas famílias criassem livremente com o objetivo de fazer com que elas se sentissem tranquilas, sem nenhuma preocupação em saber criar com perfeição. Isso resultou em trabalhos expressivos que refletiram o momento que cada um dos membros vivenciava, suas dúvidas e angústias, sendo possível analisá-los juntamente com suas escritas criativas e verbalizações.

Um dos itens fundamentais da pesquisa foi o cuidado na observação das informações que surgiram sem intermediários como as imagens simbólicas e a escrita criativa que se estruturava no final da atividade proposta, de forma a perceber a sua relação com a verbalização dos sujeitos que, para González Rey (2010) deve ser produzida criativamente pelos participantes de um grupo, a partir das relações que vão estabelecendo no decorrer das intervenções do pesquisador e a partir do momento em que se sintam seguros e vinculados aos demais membros propiciando aos mesmos se perceberem quanto ao estudo da pesquisa.

Esta estratégia nos dá condições de observar o processo de produção do conhecimento. González Rey (2010) chama a atenção para a comunicação como princípio epistemológico. Para ele, “está centrada no fato de que uma grande parte dos problemas sociais e humanos se expressarem, de modo geral, na comunicação das pessoas seja direta seja indiretamente” (p.13).

Esta pesquisa observou as trocas, os desabafos e as reflexões que ocorriam com as verbalizações dos membros das famílias no decorrer das sessões sobre as suas concepções a respeito das dificuldades de aprendizagem das crianças, bem como para a mudança dessas concepções e a compreensão de que seu apoio poderia facilitar ou dificultar o processo de aprendizagem de seus filhos.

No decorrer da pesquisa com as famílias, o pesquisador constrói diferentes informações para utilizar na interpretação dos objetivos, porém não desvinculada de sua experiência. Assim podem ocorrer trocas sobre sua visão de mundo e sobre o seu

conhecimento com os participantes. Para Gonzalez Rey (2010) o conhecimento não é universal, mas sim individual, construído segundo o interesse do momento de cada um e, portanto, o pesquisador deve ter a capacidade de confrontar seus pensamentos com as diferentes informações que surgem empiricamente no decorrer da pesquisa em um processo de construção que deve ser principalmente teórico.

O conhecimento sobre as representações sociais das famílias sobre a aprendizagem faz-se necessário para se tentar compreender como elas se percebem em suas diferentes experiências.

## **CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **3.1 Descrição e análise das informações construídas com os participantes: família X e família Y**

Após concluir esta pesquisa fui complementando as informações que já estavam em meu diário de anotações com algumas gravações e as produções expressivas de cada participante, separando por encontros e sujeitos participantes. Durante todo o processo procurei sempre estar atenta aos objetivos traçados para a pesquisa e a análise dos resultados foi sendo construída com: a) a junção das informações b) observações / verbalizações nos encontros ; c) produções expressivas. Esses fatores facilitaram minha compreensão sobre as famílias e suas concepções quanto à dificuldade de aprendizagem dos seus filhos. As produções criativas e verbalizações surgidas nos encontros foram analisadas a partir dos registros em diário e das gravações feitas no decorrer dos encontros.

Inicialmente foram convidadas quatro famílias para participar da pesquisa, mas uma mãe só compareceu no dia da reunião inicial de apresentação do projeto e em um encontro, sendo, portanto, excluída. Outra mãe de duas crianças, uma menina iniciante no CMAI e seu irmão estiveram a maior parte do tempo presentes. Mas nos dois últimos encontros não participaram para concluir o processo.

As duas famílias analisadas foram: a) uma avó (Inês) e sua neta (Denise) que não participou de dois encontros; b) uma mãe com sua filha que participou de todos os encontros. Concluiu-se que as informações sobre essas duas famílias foram suficientes para fazer a análise necessária.

### 3.2 Quadro síntese – família X

**Quadro 1:** Síntese dos objetivos de cada encontro e descrição das informações construídas com a família X

Encontros	Objetivos	Quantidade de participações	Nome dos participantes
<b>Família X</b>			
1ª encontro	<b>Objetivo:</b> apresentar os objetivos. <b>Atividade:</b> Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.	2	Inês e Denise
2ª encontro	<b>Objetivo:</b> Buscar construir mais informações sobre os participantes. <b>Atividade:</b> Complemento de frases.	0	Não compareceram
3ª encontro	<b>Objetivo:</b> Perceber o que pensam ao ouvir uma história e criar uma colagem. <b>Atividade:</b> Contação de História “O passarinho engaiolado”.(Rubem Alves)	1	Inês
4ª encontro	<b>Objetivo:</b> Desenvolver a autoconfiança facilitando o debate sobre seus anseios e dificuldades. <b>Atividade:</b> Modelagem em argila.	1	Inês
5ª encontro	<b>Objetivo:</b> Possibilitar momentos de reflexão sobre as dificuldades de seus filhos e o apoio que necessitam. <b>Atividade:</b> Pintura nas modelagens e pintura livre.	1	Inês
6ª encontro	<b>Objetivo:</b> Facilitar a manifestação da experiência do construir e reconstruir a a partir da produção livre. <b>Atividade:</b> Construção de fantoche.	2	Inês e Denise
7ª encontro	<b>Objetivo:</b> Perceber a relação do personagem criado com o cotidiano do participante. <b>Atividade:</b> Acabamento do fantoche e escrita criativa.	2	Inês e Denise
8ª encontro	<b>Objetivo:</b> Avaliar a concepção dos pais quanto à necessidade de seus filhos obterem apoio para melhor aprendizagem. <b>Atividade:</b> Completamento de frases.	1	Inês

Em nosso primeiro encontro iniciei com a explicação dos objetivos da pesquisa e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No segundo encontro planejei o complemento de frases com o objetivo de conhecer melhor os participantes. Após responderem as questões estruturadas para início da pesquisa, refletimos sobre as respostas das mesmas. Neste encontro Inês não compareceu, pois sua neta estava com suspeita de dengue.

Para o terceiro encontro escolhi a história de Rubem Alves “O passarinho engaiolado” com o objetivo de deixar os participantes mais tranquilos e talvez, no decorrer da criação livre poder verbalizar com maior segurança. Inês se divertiu com a história e quando perguntei se gostariam de comentar sobre a mesma falou: “achou que o passarinho ficou com medo de voar por estar acostumado a ficar preso”.

Enquanto estavam criando suas colagens, os participantes começaram a conversar sobre a necessidade das crianças serem medicadas. Inês colocou que sua neta melhorou muito com o medicamento (ritalina) e com os atendimentos no CMAI. Criou sua colagem com tranquilidade intitulada de “minha linda roseira” (Anexo – figura 1)

No quarto encontro Inês chegou demonstrando muito cansaço e decepção, falando que sua filha a havia maltratado muito e que estava muito decepcionada. A proposta para o dia foi de modelagem em argila. Inicialmente ela ficou amassando a argila e comentou que se pudesse faria a palavra desgosto que foi o que teve com a filha.

Iniciou modelando aleatoriamente e acabou surgindo uma pequena vasilha, que ela comentou que seria uma gamela, talvez influenciada pela outra integrante do grupo, que estava fazendo uma panela. Em um segundo momento foi modelando uma pessoa e no decorrer da criação ia reclamando muito da filha que a havia destrutado, não chegando a comentar sobre o que havia acontecido, visto que ninguém perguntou, mas todos permitiram que Inês falasse bastante sobre as injustiças e desrespeito das pessoas.

Sua atitude foi de desgosto e cansaço, movido pelas atitudes dos filhos e falta de respeito e aconchego dos filhos para com ela. Ao final da produção, o resultado do seu

trabalho foi um pequeno anjo, nome dado por ela. Antes de ir embora, Inês comentou que estava indo embora se sentindo mais tranquila (Anexo – figura 2)

Foi possível perceber por sua verbalização, que Inês compreende as atitudes dos filhos, mas se sente magoada principalmente com a filha e que gostaria de ser apoiada e respeitada, da mesma forma que age com eles e netas. Denise não pode participar nesse encontro, pois seu horário no CMAI mudou e teria que estar sendo atendida pela psicóloga.

O quinto encontro teve como planejamento a pintura das modelagens criadas no encontro anterior. Inês chegou mais tranquila, mas ao iniciar a pintura em sua gamela e anjo (Anexo – figura 3), foi aos poucos verbalizando sobre a preocupação com seu filho, pai de Denise, pois sua nora foi quem quis a separação e ele não aceita. Em casa ele fica todo o tempo falando de sua mulher e/ou xingando. Como ele é muito nervoso, ela tem medo de que ele faça besteira. Outra integrante do grupo perguntou sobre a relação dos dois e ela explicou que apesar da mãe de Denise saber como ele é, fica aparecendo próximo da casa deles e ainda pede para a filha não contar ao pai que elas se encontraram.

Naquele fim de semana ela encontrou com a filha e ela pediu para que o pai não ficasse sabendo, mas ele acabou descobrindo e brigando com sua filha. No decorrer do encontro, as participantes começaram a conversar sobre os filhos. Inês comentou que sua neta melhorou muito com o remédio e que no final de 2013, os profissionais que estavam fazendo o acompanhamento do caso já comentavam sobre a liberação da mesma do CMAI. Mas como a neta mudou de turno não sabe como vai ficar.

Denise chegou ao final do encontro e comentou que gostaria de participar, mas como teria que participar dos outros atendimentos não poderá. Combinei com ela e sua avó que iria conversar com suas terapeutas para que ela pudesse participar de pelo menos um ou dois encontros, visto que a mesma não participou até o momento por impossibilidade e o objetivo da pesquisa seriam encontros com pais e/ou responsável e seus filhos.

Procurei conduzir a análise mais na escolha das cores e verbalização que foram fluindo no decorrer dos encontros, principalmente porque a tinta tem como objetivo liberar as emoções, proporcionando maior tranquilidade e prazer aos participantes.

Para o direcionamento do sexto encontro, iniciei colocando o material necessário na mesa e explicando a proposta a ser desenvolvida que seria a criação de um fantoche. Entre os materiais coloquei alguns moldes que cortei definindo roupas de mulher, homem e criança para facilitar a criação dos fantoches.

Inês escolheu fazer a figura de uma mulher, sem nenhuma dúvida e insegurança. Cortou um vestido de manga balonê e começou a criar com prazer, demonstrando estar mais tranquila. Colocou a mesma cor no vestido, pernas e braços. O cabelo de lã ela escolheu a cor branca, comentou que seu desejo era ter cabelo branco e como não tinha iria fazer seu boneco assim. Quando perguntei sobre que nome daria a seu personagem, verbalizou que não sabe fazer muito isto, então lhe perguntei se gostaria de escrever sobre sua boneca e seu nome, mas ela não quis dizendo que não sabe escrever direito. Comentei, então, que seria um nome qualquer, se possível relacionado a quem ela imaginou ao fazer seu personagem.

Inicialmente falou que seria sua neta do coração, irmã de Denise de quem ela comentou que gosta muito, pois ela a respeita e que é bem diferente de sua irmã, sendo bem “piriguete”, rapidamente perguntou como era uma “piriguete” e expliquei a ela que seria uma pessoa que gosta de chamar a atenção e veste roupas curtas e chamativas. Logo, Inês disse que sua neta não era assim, pois gosta de se enfeitar e usar roupas coloridas, como sua boneca (Anexo – figura 4)

Enquanto criava seu personagem Inês comentava com as demais participantes sobre sua neta e suas dificuldades. Comentou que ela é bem fechada mas, que atualmente tem melhorado muito sua agressividade e aprendizagem.

Durante o sexto encontro planejei o fechamento do personagem e pintura livre para Inês, visto que a mesma no encontro anterior demorou na outra atividade e não conseguiu

criar sua pintura. Nesse dia, sua neta, Denise, como já havia programado, veio também participar da sessão. Inês mostrou seu personagem para Denise e comentou sobre o nome que havia dado inicialmente, que era de sua irmã, pois ela é bem piriguete, como sua personagem, mas que depois acabou reconhecendo que era ela mesma representada na boneca, sua expressão e fala foi de felicidade durante seu comentário.

Fiz a proposta para as duas quanto à atividade de pintura livre, mas Denise pediu para criar também um boneco e Inês verbalizou que iria enfeitar mais um pouco sua boneca. No decorrer da sessão Inês destacou que Denise é muito diferente de sua irmã, não gosta de se enfeitar como usar brinco, pulseira e nem roupas coloridas.

Denise escolheu fazer um menino (Anexo – figura 5) então expliquei a ela como fazer enquanto a sua avó terminou de pintar personagem modelado por ela. Logo em seguida, Inês ajudou sua neta a construir o personagem dela, principalmente na parte de facção dos braços e pernas. A atitude de Denise na sessão foi de tranquilidade e concentração, bem diferente das queixas apresentadas inicialmente. Perguntei-lhe como está na escola, ela mencionou que estava indo bem e rapidamente sua avó verbalizou que ela estava prestes a receber alta do CMAI, pois melhorou muito sua agressividade e atenção. Antes todos os dias recebiam reclamações da mesma, mas agora isto não acontece mais.

Inês comentou que a “culpada” era sua filha que sempre ensinou para Denise que não se deve aguentar desaforo de ninguém e que se apanhar fora de casa apanha em dobro em casa, o que foi reforçado pela criança que até complementou que é como sua tia também ensina os filhos dela, ou seja, primos de Denise.

Conversamos sobre agressões e Denise e Inês verbalizaram que nós não devemos nos igualar aos outros e que se o outro nos agride não devemos fazer o mesmo. Denise acabou comentando que naquele dia um colega de sala havia dado um tapa em outra colega lhe quebrando o óculos, mas ela não achou legal evidenciando que sua postura quanto a agressividade amenizou e que é a avó (Inês) com seu apoio que tem ajudado a mesma neste crescimento.

Neste momento chegou mais uma integrante do grupo e Inês toda feliz contou a ela que sua boneca era ela mesma de cabelo branco. Como o tempo acabou, pois as crianças tinham um atendimento, ficou faltando colar pernas, braços e pintura do rosto do boneco de Denise, sendo necessário terminar no outro encontro..

Neste encontro, a proposta foi o fechamento da atividade com o complemento de frases. Inês chegou um pouco atrasada, pois disse que foi ao médico fazer sua consulta de rotina e pegar seus remédios que combatem a crise epilética sofrida por ela. Iniciamos com a explicação da atividade que consiste em complemento de frases. Ela comentou que não consegue escrever e que não consegue pensar sobre essas coisas, então lhe perguntei se ela concordava em me deixar ler as perguntas, ela ir respondendo e eu escrevendo, o que foi aceito por ela.

Sua neta também veio terminar seu fantoche e enquanto ia completando as frases, Inês ajudou Denise a terminar o menino que estava sendo feito por ela. As frases foram estas: :

**1. Tenho ainda dificuldade:**

- ✓ Dificuldade em entender, aprender, guardar na memória as coisas.

**2. Sinto que estou melhor:**

- ✓ Sinto que estou melhor quando estou longe daqui. Sinto falta de estar aqui, lá em casa é tudo contrariedade. Gosto muito quando tem reunião e eles esclarecem as dúvidas sobre a Denise, me ajuda a entender, mesmo que não guarde na cabeça, na hora eu entendo e posso ajudar ela.

### **3. A felicidade:**

- ✓ O que eu mais queria é que meus filhos me respeitassem e também meus netos. Meu filho é mal educado acho que é por que ele teve meningite quando criança, o médico falou que ele fica nervoso por isso. Mas minha filha, não sei. Talvez ela tenha alguma coisa. É todo mundo meio doido lá em casa.

Não tivemos muito tempo durante o encontro, porém Inês colocou que para ela, estar no CMAI é muito bom e que se sente Feliz. Comentou que gostou muito também de ter participado dos nossos encontros e se sentiu acolhida, lembrando de novo do dia que chegou muito contrariada e que após modelar o anjo saiu mais tranquila. . Agradeceu muito pelos dias que estivemos juntas e que os mesmos a ajudaram muito e que vai sentir saudades.

Verbalizou que o trabalho do CMAI tem sido de extrema importância para sua neta e que o apoio que recebeu das profissionais e as explicações sobre como agir com ela foram muito importantes para o desenvolvimento de Denise.

### **3.3 Categorias de sentido construídas com a FAMÍLIA X**

A categoria que surgiu no quarto encontro, modelagem em argila, não foi revelada pela participante no mesmo dia, mais sim em um encontro mais no final, que foi relacionada à fé e à religião a partir da criação do pequeno anjo onde Inês verbalizou que no dia da criação do mesmo, ela estava tão contrariada que decidiu criar algo de Deus porque somente ele poderia lhe ajudar.

Já no quinto encontro ficou claro que os pais de Denise estão mais preocupados com seus sentimentos e que a mesma acaba sendo influenciada a mentir, pela mãe, e ainda ser

repreendida pelo pai por isto, ficando no meio da briga deles. A avó conseguiu perceber o erro da mãe de sua neta, mas não reconhece o erro do pai, apresentando como categoria o “desafeto” dos pais da menina. Outro elemento que ficou claro foi relacionado à importância que a avó atribuiu a melhora de sua neta após as intervenções recebidas pelos terapeutas do CMAI, conscientizando-se da importância dos atendimentos para a melhora de sua neta, portanto, a categoria seria a “atenção”.

Apenas a importância dada também ao medicamento (ritalina) que a menina toma, assume a meu ver uma categoria de “cura” preocupante, atribuindo ao medicamento uma importância muito além do que deveria. Na sexta sessão a categoria de sentido que ficou mais evidente foi relacionada ao desejo de Inês de ser mais livre, colorida, ou seja, existe nesse caso o desejo por “liberdade”. É importante evidenciar também a representação do cabelo branco, o desejo de ser respeitada, cuidada e acolhida. Isso fica evidente em sua fala sobre a neta do coração, por quem inicialmente se comparou, que segundo ela é alegre, usa roupas coloridas e a respeita. Sendo, então, a categoria do “afeto” que lhe traria a felicidade. Neste sétimo encontro ficam claros os sentidos atribuídos à violência pelas duas participantes. Primeiro o sentido de que “violência gera violência”, verbalizado por Inês quando coloca que sua neta era agressiva por influência dos conselhos de sua filha, tia da menina, e também na confirmação de Denise sobre este acontecimento e quando a mesma coloca que não achou certo o que seu colega de sala fez ao agredir a outra menina da sala, deixa claro que sua mudança foi por ter percebido que não se deve agredir o outro, apresentando como categoria de sentido, o “aprendizado”.

O segundo foi o da “consciência”, que vem confirmar uma de minhas hipóteses quanto ao apoio da família ser indispensável para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, quando Inês verbaliza que não mais é chamada na escola para receber reclamações e que brevemente sua neta deverá receber liberação do CMAI, isto devido à

criança não mais agredir seus colegas, melhorando sua convivência e sua aprendizagem, reconhecendo que a mesma não mais escuta os ensinamentos da tia.

No completamento de frases a categoria de sentido é a “atenção”, que para Inês é relacionada ao apoio recebido, o que a deixa segura para ajudar sua neta. Ao analisar a categoria de sentido pode-se evidenciar que a avó é religiosa e tem muita vontade de ser feliz, respeitada, livre e principalmente amada. Sua preocupação é muito grande com seus filhos e netos, pois não sente o mesmo afeto e preocupação com ela por parte deles. Temos, então, a junção da fé, desafeto, liberdade, afeto e atenção.

Quanto à percepção que tem da dificuldade de sua neta ficou evidente que ela percebe a importância do amor e do afeto e que a violência não pode ajudar no desenvolvimento da mesma, ou seja, temos nesse caso a valorização do apoio. Quando Inês comenta que a mãe de Denise é violenta e a maltrata, não tem paciência em lhe ensinar e verbaliza que se a tratasse diferente, com maior tranquilidade e afeto, a postura da mesma seria diferente.

Outro ponto a ser observado é a postura da tia de incentivar a violência e ela perceber juntamente com a neta esta atitude, evidenciando que se deve ensinar e dar apoio, mas com amor e não violência, principalmente por ela passar por situações de violência com a filha. Finalizando pode se perceber que a avó de Denise tem consciência da dificuldade de sua neta e nota como as relações e concepções familiares interferem em sua aprendizagem. Assim como percebe também que falta o apoio necessário da família, principalmente dos pais para seu melhor desenvolvimento.

O ponto de maior preocupação é em relação ao medicamento, pois percebem sua importância para a criança, mas foi dada muita ênfase a utilização do mesmo, sendo quase uma “salvação” para a melhora das crianças.

### 3.4 Quadro síntese - Família Y

**Quadro 2:** Síntese dos objetivos de cada encontro e descrição das informações construídas com a família Y

Encontros	Objetivos	Quantidade de participações	Nome dos participantes
<b>Família Y</b>			
1ª encontro	<b>Objetivo:</b> apresentar os objetivos. <b>Atividade:</b> Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.	2	Áurea e Laís
2ª encontro	<b>Objetivo:</b> Buscar adquirir mais informações sobre os participantes. <b>Atividade:</b> Complemento de frases.	2	Áurea e Laís
3ª encontro	<b>Objetivo:</b> Perceber o que pensam ao ouvir uma história e criar uma colagem. <b>Atividade:</b> Contação de História “O passarinho engaiolado” (Rubem Alves)	2	Áurea e Laís
4ª encontro	<b>Objetivo:</b> Desenvolver a autoconfiança, facilitando o debate sobre seus anseios e dificuldades. <b>Atividade:</b> Modelagem em argila.	2	Áurea e Laís
5ª encontro	<b>Objetivo:</b> Possibilitar momentos de reflexão sobre as dificuldades de seus filhos e o apoio que necessitam. <b>Atividade:</b> Pintura nas modelagens e pintura livre.	2	Áurea e Laís
6ª encontro	<b>Objetivo:</b> Facilitar a manifestação da experiência do construir e reconstruir a a partir da produção livre. <b>Atividade:</b> Construção de fantoche.	2	Áurea e Laís
7ª encontro	<b>Objetivo:</b> Perceber a relação do personagem criado com o cotidiano do participante. <b>Atividade:</b> Acabamento do fantoche e escrita criativa.	2	Áurea e Laís
8ª encontro	<b>Objetivo:</b> Avaliar a concepção dos pais quanto à necessidade de seus filhos obterem apoio para melhor aprendizagem. <b>Atividade:</b> Complemento de frases.	2	Áurea e Laís

Em nosso primeiro encontro expliquei sobre os objetivos da pesquisa e para aqueles que aceitaram participar foi pedido para assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na segunda sessão para maior conhecimento dos participantes, iniciamos com o complemento de frases e reflexão sobre elas. Áurea e Laís participaram, sendo que Laís ficou todo o tempo perto da mãe, mas não gostava de participar. Vejamos as respostas da atividade intitulada “complemento de frases”:

**1. Me preocupa:**

- ✓ Me preocupa quando eu morrer o que será dela sem mim por que ela está sozinha. Ela não sai sozinha, não vai nem no mercado. Eu tenho medo que ela não sabe se virar.

**2. Sigo buscando:**

- ✓ Sigo buscando que ela melhore um pouco mais.

**3. Acredito que:**

- ✓ Eu acredito que ela consiga porque ela tem muita força de vontade de pensar e eu também.

Neste primeiro momento Áurea falou muito pouco demonstrando ser muito tímida e reservada, ficou mais escutando as outras participantes. Áurea só comentou sobre o medo que ela tem quanto ao futuro da filha, pois moram sozinhas e Laís é muito dependente dela. Conversamos sobre os programas profissionalizantes que são oferecidos aos pré-adolescentes a partir de 15 anos e que Laís logo poderá participar, o que deixou Áurea bem interessada.

Percebe-se em sua escrita e verbalização, a categoria de sentido do medo quanto ao futuro de sua filha e isso a angustia muito. Neste dia Laís não quis entrar na sala mesmo eu a tendo convidado a participar de todos os encontros, pois ela só tem o 2º horário e sua mãe se prontificou a chegar mais cedo para participar da pesquisa.

No terceiro encontro iniciei contando a História “O passarinho engaiolado” de Rubem Alves (em anexo). No decorrer da história, Áurea ficou bem atenta e em alguns momentos exprimia um leve sorriso, principalmente quando outra participante ria, se divertindo com a história. Após fechar a história perguntei se gostariam de comentar sobre o que ouviram, tentando puxar uma reflexão sobre o tema. Áurea só comentou que é muito ruim estar e se sentir presa e que gostou muito da história.

No decorrer da criação começaram a conversar sobre as crianças e a conversa fluiu sobre a necessidade dos mesmos em serem medicados, mas como já havia comentado anteriormente, Áurea foi de poucas palavras, somente comentou que sua filha também precisa de ritalina, mas que no momento está sem o medicamento, pois não tem conseguido pegar na farmácia.

Inicialmente ficou meio perdida com a atividade proposta, fez uma colagem aleatória e sem muita forma, mas no final ficou com o formato de uma árvore colorida (Anexo – figura 6). Sua escrita criativa ficou centrada na passagem da história que coloca sobre a tristeza do estar preso e o não saber se cuidar sozinho, onde diz: “Eu acho Que ficar na gaiola e muito triste. O passarinho não sabe viver fora porque não sabe mais casar pra comer”.

Penso que a categoria sentido apresentada neste encontro continua vinculada ao futuro de sua filha em conseguir se cuidar e sobreviver sozinha. Laís ficou na sala, mas somente observando o que a mãe fazia e às vezes perguntava o que ela estava fazendo, rindo em alguns momentos da dificuldade que a mãe comentava estar tendo, mas não quis participar.

Neste quarto encontro, após explicar e perguntar se já havia trabalhado com argila, Áurea comentou que quando foi criança gostava de brincar com barro. Sendo assim, pegou

um pedaço de argila e começou a modelar, inicialmente sem muita ideia. Após alguns minutos foi modelando o que verbalizou ser uma panelinha, do mesmo jeito que fazia quando criança (Anexo-figura 7). Neste dia Laís quis participar, pegou um pedaço de argila e ficou brincando aleatoriamente. Em alguns momentos perguntei o que iria fazer e ela respondia que nada, no final fez uma bola. Preocupou-se mais com o que a mãe estava fazendo, olhando, perguntando e às vezes esboçando um leve sorriso, quando sua mãe dizia que era difícil fazer.

Neste encontro, penso que a categoria sentido que aparece na fala de Áurea é a saudade de sua infância e apesar de dizer que tem dificuldades em manusear o material, foi possível notar sua fisionomia mais leve e feliz. Apesar de não produzir nada, Laís ficou fazendo e desfazendo formas aleatórias e pareceu gostar da atividade.

Para este quinto encontro foi planejada inicialmente uma pintura livre, a partir de uma sensibilização com música e finalização da modelagem com uma pintura. Expliquei para Áurea que eu iria colocar uma música bem tranquila e que ela iria fechar os olhos e aleatoriamente começaria a fazer movimentos na folha, sem preocupação com o que iria surgir. Quando começamos a dinâmica, Áurea ficou muito incomodada em fechar os olhos, então comentei que poderia olhar em outra direção, que o importante era tentar criar livremente, mas ela não conseguiu se soltar, persistiu em manter o controle e foi buscando com uma das mãos o limite da folha e com a outra ia tentando induzir o desenho.

Aos poucos foi surgindo um desenho meio fragmentado, mas deu para perceber que era uma casa. E quando falei que poderia parar, abrir os olhos e completar o desenho como desejasse e ela viu o que fez, comentou que seu desejo era fazer uma casa, mas que achava que tinha ficado um pouco estranha (Anexo – figura 8 ). Áurea iniciou a pintura do desenho e até neste momento Laís ainda não havia entrado na sala, comentei com ela que sua mãe estava pintando e a convidei de novo para entrar. Meio que curiosa, entrou, sentou ao lado de sua mãe e logo começou a perguntar o que era e dar opinião sobre o que deveria utilizar.

Perguntei se não gostaria de pintar livremente na folha, mas ela não quis, pois preferiu ficar ao lado da mãe, ajudando-a com sugestões.

Com a chegada da outra participante, a conversa fluiu para o que iriam fazer no feriado. Áurea comentou que estaria mudando de volta para a casa onde vivia antes da morte de sua mãe. Verbalizou que seus irmãos tiveram que arrumar ou organizar a casa e que já há algum tempo estava morando bem longe, em um lugar perigoso, por isso sempre chegava e se trancava dentro de casa com Laís. Naquele final de semana, então, Áurea voltaria para casa feliz, pois vai ficar bem mais tranquilo para ela pegar o ônibus para o CMAI e também mais seguro, principalmente por morar sozinha com a filha e agora voltaria a ficar mais próxima dos irmãos.

Áurea aproveitou que estava utilizando tinta e pintou sua panela (Anexa – figura 7). No decorrer da sessão como ressurgiu a conversa sobre os medicamentos das crianças, Áurea comentou de novo que sua filha necessita também do medicamento, mas não está tomando por não ter conseguido ainda e por estar esperando a ida ao médico. Ela acrescentou ainda que Laís é muito tímida, não consegue se relacionar bem e que precisa do medicamento.

Ficou bem claro que a categoria de sentido neste encontro, inicialmente se estruturou em relação ao medo e a busca de segurança que ela procurava por estar morando longe e sozinha com sua filha. Outra categoria de sentido observada é a necessidade de apoio do remédio para sentir que a filha está melhor, talvez para se sentir mais segura quanto à dificuldade apresentada da mesma.

No sexto encontro, a atividade planejada foi a criação de fantoches de vara, com o objetivo de exteriorizar sentimentos e trabalhar o autocontrole a partir de sua construção. Como nesta pesquisa o objetivo da arte não é o desenvolvimento do processo criativo, organizei alguns modelos de roupas de homem, mulher, criança, braços e pernas para que possam escolher e/ou criarem o personagem de forma mais tranquila.

Áurea apresentou certa dificuldade em escolher o que fazer e mesmo com minha ajuda em alguns momentos comentou que tem muita dificuldade em recortar, pois ainda treme um pouco devido aos corticoides que teve que tomar pela hanseníase que contraiu há alguns anos atrás. Áurea continuou fazendo a atividade e no momento de fazer o cabelo de lã, demonstrou maior dificuldade. Esse fato deixou Áurea irritada, característica evidente em sua fisionomia, portanto, saiu da sessão sem muita preocupação em terminar seu personagem. (Anexo – figura 09)

Laís, como sempre, estava presente, mas não quis produzir, ficando ao lado de sua mãe, atenta a tudo e às vezes faz um comentário com o intuito de questionar ou ajudar sua mãe. Neste encontro penso que a categoria de sentido que aparece na fala de Áurea por causa de sua expressão e irritabilidade se referiu a lembranças não muito agradáveis, que foi a sua doença. Segundo anotações no prontuário, a doença lhe trouxe muita insegurança e tristeza, lembrada naquele momento pela necessidade de executar uma atividade que se tornou difícil, o recortar, pelas mãos trêmulas devido ao medicamento verbalizando que além de ter ficado com esta dificuldade, tem dúvida quanto a dificuldade da filha ter sido causada pela utilização dos medicamentos na gravidez.

Para a finalização do fantoche e escrita criativa do mesmo, neste sétimo encontro, comentei que se desejassem poderiam ainda enfeitar seus personagens com os materiais diversos que ali estavam. Como havia notado que Áurea não saiu satisfeita com o cabelo que havia organizado, levei outro da mesma cor e pronto para ser colado. Fazendo isso, lhe dei a oportunidade de escolha para o que fez e o que trouxe pronto. A mesma preferiu o que organizei e enfeitou com algumas florezinhas apenas.

Pedi para que Áurea atribuísse um nome a sua criação e rapidamente ela disse que seria Aline. Ao se perguntar sobre quem seria Aline, ela simplesmente comentou que era um nome que gostava. Brinquei com Laís sobre o personagem de sua mãe e mencionei que ela poderia ter feito um também, a mesma somente esboçou um leve sorriso. Continuei

verbalizando que achava que ela iria pegar o personagem que sua mãe fez para brincar e Áurea falou sorrindo que ela não iria lhe emprestar. A sessão fechou neste momento, pois chegaram atrasadas e não foi possível conversar mais.

Foi possível notar que Áurea ao conseguir fechar seu personagem estava bem mais tranquila e como sempre Laís permaneceu calada e sem querer participar, porém ao lado da mãe lhe dando apoio e sugestões. Neste dia não foi possível verificar nenhuma categoria de sentido pelo pouco tempo de participação no encontro.

Oitavo e último encontro: Pedi para que os participantes completassem frases e que, se desejassem falar algo sobre elas poderiam se sentir a vontade. As escritas foram transferidas sem nenhuma correção, respeitando, portanto, o pensamento e a dificuldade da mesma ao formular suas respostas. Vejamos:

### **1. Tenho ainda dificuldade:**

- ✓ Eu tenho muita dificuldade de entender o que as pessoas explicam eu não muito de guardar na memória.

### **2. Sinto que estou melhor:**

- ✓ Eu sinto que estou melhor gosto muito de vir pro cemaí gosto de conversar.

### **3. A felicidade:**

- ✓ A felicidade pra mim é acordar todo dia com saúde e ver minha filha feliz com saúde e paz.

Assim que terminaram de completar as frases perguntei se Áurea gostaria de falar mais alguma coisa e ela verbalizou que gosta de estar no CMAI, que já aprendeu demais e que nossos encontros foram muito bons para ela e que vai sentir saudade.

### 3.5 Categorias de sentido construídas com a FAMÍLIA Y

A categoria de sentido apresentada no segundo encontro foi “insegurança”. Apesar de Áurea ter verbalizado pouco, sua escrita evidenciou medo e no decorrer da reflexão, o pouco que falou foi a respeito do futuro da filha.

No terceiro encontro, a categoria de sentido apresentada foi a “incerteza”, vinculada à preocupação que tem sobre o futuro de sua filha, pois as duas são sozinhas. A partir da história o que ela destacou foi: “Eu acho que ficar na gaiola é muito triste”. “O passarinho não sabe viver fora porque não sabe mais casar pra comer.” Ela sabe que ficar presa em seu mundo é triste, mas e se ela não sabe viver sozinha. O material utilizado no quarto encontro (argila), por ser maleável pode ajudar o sujeito a retomar sentimentos, neste caso percebe-se que foi com prazer, a categoria de sentido construída foram as “lembranças” confirmada pela verbalização no decorrer da atividade, “do mesmo jeito de quando era criança”.

O contato com a tinta utilizada no quinto encontro deixou os participantes bem tranquilos e enquanto iam pintando o material modelado e a pintura livre, o assunto “medicamento” voltou a fazer parte das verbalizações. Neste caso a categoria que surgiu foi a “fuga”, transferindo para o medicamento a solução ou melhora de sua filha.

No decorrer do encontro Áurea verbalizou sobre o voltar para casa, localizada no mesmo lote dos irmãos, evidenciando junto ao desenho a categoria de sentido “segurança” que busca ter com sua filha, pelo menos em nível de moradia, já que o local onde está morando é muito perigoso e só ficam presas em casa.

Ao construir o fantoche, sexto encontro, a categoria ficou em “lembranças”. Neste momento, essas lembranças não são muito agradáveis para Áurea, pois a dificuldade que tem em manter a mão firme, “não conseguindo cortar adequadamente” afirmação verbalizada pela mesma, sendo reflexo ainda da doença que teve e que, provavelmente, tenha interferido na gestação de sua filha.

Na finalização da pesquisa com o complemento de frases, a categoria de sentido ficou relacionada à “insegurança” confirmada com sua verbalização sobre a mesma acreditar não conseguir guardar na memória questões importantes. Mas ao estar no CMAI, ela tem tranquilidade por receber ajuda nas palestras e ajuda dos terapeutas de sua filha podendo conversar e retirar dúvidas. Outro ponto fundamental é quando ela coloca que se sente feliz ao acordar todo o dia e perceber que está bem de saúde e sua filha também, evidenciando o medo que talvez ainda tenha de ficar doente, onde a categoria “saúde” esta vinculada à felicidade.

A família no decorrer dos tempos se modificou consideravelmente até nossos dias, relacionada a padrões de comportamento determinados pelas mudanças culturais, mas continua sendo uma instituição responsável pelos vínculos afetivos, desenvolvimento e experiências de seus filhos, mediando a sua relação com a sociedade

### **3.6 Discussão sobre as informações construídas**

Desde o primeiro momento que iniciei minha pesquisa me relacionando com as famílias participantes, fui retomando em alguns momentos minha trajetória familiar e escolar e também das trajetórias de meus filhos, refletindo e compreendendo os conhecimentos, as experiências e problemática daquelas famílias quanto às dificuldades de aprendizagem de seus filhos e netos.

A partir de suas verbalizações compartilhadas fui conseguindo compreender os sentidos produzidos por elas sobre as dificuldades dos filhos, relacionados a suas trajetórias de vida, suas experiências social e cultural e as suas relações com os sentidos produzidos por seus filhos e demais membros familiares com quem convivem. Transcrevi todas as sessões e analisei algumas das produções expressivas das famílias juntamente com as suas expressões verbais visando avançar no processo de inteligibilidade do problema estudado.

Retomando meus estudos referentes ao tema da pesquisa sobre a dificuldade de aprendizagem, ficou evidente como relatado no capítulo específico pela teoria de Vigotski que a criança aprende inicialmente com suas relações e trocas culturais. Tendo sempre estes elementos como ponto para reflexão vinculado a meu primeiro objetivo, que é como as famílias compreendem ou que concepções elas têm das dificuldades de seus filhos. Para isso foram analisadas todas as informações construídas com elas nos encontros.

No caso da primeira família, pude perceber que no que se refere à avó é uma senhora doente e cansada que tem o desejo de ser respeitada e receber afeto/carinho familiar. Essa senhora é muito religiosa, buscando apoio em sua fé para vencer suas dificuldades e decepções. Vê-se na obrigação de cuidar de sua neta, de quem gosta muito e faz tudo que pode para ajudá-la a se desenvolver. E também tem o desejo de ser livre e feliz.

Ficou também evidenciado que Inês compreende como foi relatado no item sobre a família, que a sua constituição não é o mais importante, mas sim as relações entre seus integrantes sendo que o sentido que foi gerado por ela da dificuldade de aprendizagem de sua neta é relacionado à agressividade que tia e mãe de Denise demonstram e que faz parte da concepção de aceitação de sua família. Tanto Inês quanto Denise acreditam que a agressividade da menina foi gerada na relação com a mãe e com a tia que, segundo ambas, a instiga a “não levar desaforos para casa”.

A avó enfatiza a necessidade de ensinar e dar apoio para a criança e que com a ajuda dos profissionais do CMAI, a agressividade e inquietação de Denise amenizaram e sua aprendizagem melhorou e não mais foi chamada na escola para ouvir reclamações de sua neta Isso confirma um dos objetivos deste estudo.

Quanto a sua falta de atenção provocada pelo TDAH, esta vem sendo amenizada pela medicação e segundo o relato da avó, Denise logo será liberada dos atendimentos. As categorias de sentido construídas no decorrer dos encontros evidenciaram o reconhecimento por parte da avó de que se deve ter o apoio das pessoas que estão mais próximas, no caso a

família, para vencer suas dificuldades. As categorias de sentido dessa análise foram: desafeto, atenção, cura, liberdade e afeto.

Denise apresentou atitude de baixa energia, tristeza e muito respeito com os demais participantes e avó. Suas categorias de sentido foram de consciência a partir do momento que reconheceu que não se deve ser agressiva e que este reconhecimento se tornou uma aprendizagem fundamental para o seu desenvolvimento.

O que percebi é que com as participantes da família X, as informações construídas no decorrer da pesquisa são de que, para uma melhor aprendizagem e desenvolvimento global do ser humano, o apoio, afetividade e respeito são fundamentais, sendo possível identificar isso nas verbalizações de Inês e nos poucos momentos que as duas (avó e neta) estavam presentes e ficou evidenciado afetividade entre as mesmas.

A outra família (família y) que participou da pesquisa foi mãe e filha. A mãe Áurea é uma senhora calada, insegura e preocupada com o futuro de sua filha que é muito carinhosa, tímida, sem iniciativa e muito dependente de sua mãe. No decorrer de nossa pesquisa pude perceber, a partir das verbalizações, que a mãe se sente culpada pela dificuldade da filha, visto que estava muito doente quando gestante e que talvez os medicamentos que estava ingerindo possa ter sido a causa da dificuldade apresentada da mesma. Sua grande insegurança é gerada pela dúvida quanto ao futuro de Laís, principalmente quando ela não estiver mais viva. Em todos os encontros ficou bem visível a insegurança e o medo em relação a tudo. Talvez esse medo seja movido pelo sofrimento e percas que teve.

Ao analisar sobre os objetivos traçados na pesquisa, foi possível perceber que Áurea concebe a dificuldade da filha vinculada à doença, sendo talvez a causa de sua tristeza e insegurança. Penso que ela tem noção da importância de seu apoio para o desenvolvimento de Laís, que foi outro objetivo traçado na pesquisa, mas não sabe como ainda agir necessitando, nesse caso, de muita ajuda. A ajuda foi mencionada na sessão em que lhe falei sobre o trabalho profissionalizante que oferecem para adolescentes, onde Áurea se mostrou bem interessada.

As categorias de sentido apresentadas no decorrer dos encontros foram: insegurança, incerteza, lembranças, fuga e saúde. A partir destas categorias penso que Inês necessita se fortalecer para poder realmente ajudar sua filha. Mais uma vez a configuração familiar não se torna primordial, mas sim a afetividade e segurança que se pode obter nas relações construídas e Áurea demonstrou sua esperança quando retratou através da pintura e verbalização sua felicidade em retornar para a casa próxima dos irmãos.

Quanto a Laís, sua dificuldade em tentar e experimentar é muito grande, o que a meu ver a prejudica muito em seu processo de aprendizagem. Como Vigotski (1998) colocou, temos que nos ater no que o sujeito é capaz de fazer, e não em suas dificuldades, só assim poderemos realmente perceber o que ele é capaz de fazer e lhe dar o apoio necessário para o seu desenvolvimento, mas ela precisa se sentir segura para demonstrar o que sabe.

Laís só demonstrou interesse no dia da atividade com a argila, sendo necessária maior investigação para descobrir qual seu real interesse. Percebe-se que por mais que a mãe se preocupe com o futuro de sua filha, ela não tem conseguido estimulá-la a romper com sua dificuldade de experimentar, ousar mesmo com toda sua dificuldade, talvez gerada pelo excesso de proteção. Outro ponto a se pensar é no que se refere a não utilização do medicamento, que Áurea coloca que não tem encontrado e mesmo Laís necessitando não tem tomado o remédio.

O que tenho observado em meu trabalho com as famílias e crianças que atendo é que algumas delas vivem em um ambiente desprovido de estímulos motores, afetivo, acadêmico e principalmente aquele que é considerado ou diagnosticado com características diferentes dos demais devem receber maior atenção e estímulo, o que nem sempre acontece e às vezes por dificuldades diversas também lhe é negado o direito ao convívio social adequado para que as trocas culturais possam acontecer. E como afirma Piletti apud Vigotski (2013) “uma criança ficar à parte dos modos culturais de desenvolvimento intelectual natural, não realizará completamente o processo de desenvolvimento inicial, num tolhimento de suas possibilidades para a concretização de altos níveis de desenvolvimento” (p.91).

Sendo assim, o desenvolvimento de Denise e Laís, que talvez já seja mais lento e comprometido, provavelmente será ainda mais prejudicado, ocasionando assim a defasagem de conhecimento que aos poucos os deixam descrentes de sua capacidade consigo mesmo bem como perante os seus familiares, amigos e professores.

Portanto, após ter feito toda a pesquisa bibliográfica e concluído a pesquisa qualitativa, conclui-se que o meu tema tem muita relevância, pois nas duas famílias pesquisadas se percebe que as mesmas reconhecem que seu apoio e afetividade são fundamentais para a aprendizagem de seus filhos, sendo que em um dos casos (o da avó e neta), a dificuldade apresentada pela menina, justamente pelo apoio recebido da avó e profissionais do CMAI já foi amenizada e com certeza se a mesma tivesse recebido maior apoio de seus pais, mesmo com o diagnóstico de TDAH, sua dificuldade seria menor.

Quanto à outra família, mãe e filha, mesmo que a dificuldade da filha seja cognitiva, como Vygotski (1989) coloca, a partir do trabalho desenvolvido juntamente com crianças cego-surdas, o que importa é o que ela é capaz de fazer e não sua dificuldade. Se a mãe e profissionais que trabalham com a educanda nesta perspectiva o seu desenvolvimento será suficiente para ela se tornar autônoma e feliz.

Algo de muito importante que já pensava antes da pesquisa e que hoje tenho total segurança em falar é que, para ajudar as crianças com diagnóstico de dificuldade de aprendizagem, temos que desenvolver um trabalho com as famílias na perspectiva de compreender que concepção elas têm das dificuldades de seus filhos e se os apoiam.. Não foi nosso objetivo pesquisar como as famílias estão se sentindo neste momento histórico-social que estamos vivendo, mas, foi possível perceber que as mesmas precisando muito de ajuda para se sentirem fortes e seguras antes de tentarem ajudar seus filhos.

## **CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde o início da história da humanidade, a família sempre foi uma instituição social considerada primordial para a transformação da sociedade, mediadora entre o indivíduo, a sociedade e responsável pela transmissão de valores morais, sociais e culturais. Ela se modificou em nível constitucional, mas em termos conceituais ainda é considerada como uma instituição responsável pelo sistema de vínculos afetivos no qual deve ocorrer o processo de humanização. É importante considerar que, por maiores que sejam as modificações na configuração familiar, esta permanece como unidade básica do desenvolvimento inicial do sujeito.

Com a necessidade de ingresso das mães no mercado de trabalho em busca de sobrevivência ou realização pessoal, a rotina familiar se modificou e instituições foram organizadas com o intuito de oferecer às crianças um local onde podam ser cuidadas e aos poucos, com os avanços nas pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, passa-se também a oferecer estimulação adequada e início da aprendizagem formal.

A partir de todas estas mudanças, principalmente no momento que se começa a alfabetização, pais e professores passam a perceber que algumas crianças apresentam atraso em seu desenvolvimento, inicialmente a nível motor e/ou linguagem diagnosticadas por diferentes causas a nível cognitivo, emocional ou biológico.

O que se tem que observar a partir do momento em que essas crianças são diagnosticadas com dificuldades de aprendizagem é que tem que se ter respeito pela sua individualidade e valorizar o que é capaz de fazer e não sua deficiência. Vigotski (1998) em sua teoria da aprendizagem deixa claro que todos são capazes de aprender, sendo importante a motivação e a crença de que cada um tem seu tempo para aprender. Penso que o educador tem que estar atento às diferentes dificuldades que possam surgir e interferir na aprendizagem

de seus alunos, procurando apoiá-los no que for preciso e principalmente envolver os familiares desses alunos nas propostas de trabalho a serem desenvolvidas.

As instituições de ensino devem procurar oferecer atividades diversas aos alunos, dando-lhes oportunidade de demonstrar o que são capazes de executar ao invés de se pautar em suas dificuldades, oferecendo-lhes total condição de mostrar que podem resolver as atividades do seu jeito, em seu tempo e com a ajuda que necessitarem em cada momento.

Temos que ter como prioridade, independente de qualquer que seja o motivo da não aprendizagem, o fortalecimento da autoconfiança do aluno, ajudando-o a se perceber capaz, reconhecendo que sua dificuldade pode ser sanada, bastando ele se abrir para ser ajudado.

O trabalho de arte na perspectiva do desenvolvimento de determinado processo criativo se torna fundamentalmente importante para esses grupos de crianças bem como para seus pais, visto que as dificuldades que apresentam é que dificultam a aprendizagem e o seu desenvolvimento perpassa pelo processo criativo e retomando as palavras de Urrutigarray, (2004, p.69) “a possibilidade de se perceber nas suas dificuldades, dado às imposições deferidas pelo próprio uso dos materiais plásticos, confere ao usuário as noções de limitação, de aceitação e de humildade diante de suas dificuldades”.

Isso o torna mais humano, ou seja, mais próximo de ampliar a confiança em seus sentimentos e percepções. Percebo, então, que diferentes possibilidades podem ser utilizadas com o objetivo de favorecer o desenvolvimento adequado em vários aspectos e conseqüentemente facilitar a busca da aprendizagem de forma mais lúdica para as crianças e propiciar maior segurança aos seus pais para que possam ajudá-los. Este processo foi e é de grande importância no trabalho com crianças com dificuldades de aprendizagem e seus pais ou responsáveis, pois, os mesmos já chegam com sentimento de inferioridade, incapacidade e qualquer possibilidade que os faça se perceber capazes, com certeza irá ajuda-los a recuperar a crença em si mesmo. Crença essa de que consegue aprender o que deseja, basta ter tranquilidade para isto. Para os pais, o importante é oferecer momentos lúdicos, onde possam

refletir sobre as dificuldades de seus filhos e perceberem que o apoio a eles, nas suas experiências é de fundamental importância.

Desenvolvo meu trabalho com arte, por isso percebo o quanto ela em suas diversas possibilidades, propicia ao sujeito a liberdade de criação, independente de saber desenhar, pintar ou não, sendo que, nesta pesquisa, a arte possibilitou aos participantes momentos de tranquilidade proporcionando aos mesmos a experiência com materiais com os quais não estavam familiarizados e com os quais puderam produzir livremente, deixando fluir seus sentimentos sem preocupação com a finalização, mas sim com o processo.

O conhecimento adquirido a partir da teoria psicológica orientada na perspectiva histórico cultural de Vygotsky foi de grande valia no decorrer da pesquisa por se compreender sua importância na observação e interação do grupo pesquisado, com respeito as experiências sociais e culturais que fazem parte da experiência de cada integrante. Essas experiências podem interferir significativamente nos sentidos que cada um atribui às dificuldades dos filhos e tornou-se importante o conhecimento sobre o sentido da palavra e o que ela desperta na consciência do indivíduo e sua modificação em diferentes contextos no decorrer dos encontros e momento da análise dos dados da pesquisa.

Chegamos à conclusão de que o estudo teórico e os encontros da pesquisa nos ajudaram a identificar que as famílias inicialmente negam as dificuldades de seus filhos, tentando achar alguma justificativa para o problema. Esta postura inicial só tende a prejudicar ainda mais seus filhos, pois a negação só gera insegurança nos mesmos, dificultando ainda mais sua aprendizagem.

Com a participação das famílias na pesquisa foi possível perceber a partir de suas verbalizações e produções expressivas, suas angústias, medos, desejos pessoais e também que as dificuldades apresentadas pelos filhos deixam os pais ou responsáveis inseguros quanto ao futuro dos mesmos. Conseguiram perceber que independente do avanço apresentado a partir

das terapias que seus filhos fazem e dos medicamentos que usam, o importante é estarem ao seu lado, lhes apoiando em suas conquistas.

Percebo que esta pesquisa veio a acrescentar muito no desenvolvimento de meu trabalho, pois antes não compreendia as diferentes organizações familiares e suas concepções e às vezes cobrava mais do que elas podiam me responder. O aprofundar meu conhecimento nas dificuldades de aprendizagem, principalmente na teoria de Vigotski ampliou meu leque de possibilidades de trabalho e com maior segurança, junto aos educandos que atendo.

As famílias que participaram em suas verbalizações demonstraram crescimento quanto ao conhecimento da dificuldade de seus filhos e netos descobrindo como agir e procurar ajuda para seus filhos. Em suma, acredito que esta pesquisa foi de grande relevância para esclarecer e confirmar o quanto o vínculo afetivo entre os membros de uma família são importantes para a aprendizagem e o desenvolvimento de seus filhos, independente de sua configuração ou desenho estrutural e principalmente, o quanto os pais necessitam de apoio para se sentirem tranquilos e fortes, pois só assim conseguirão ajudar e apoiar seus filhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anache, Alexandra A. (2012). *Dimensões Subjetivas Envolvidas na Avaliação da Aprendizagem de Pessoas com Deficiência Intelectual*. (2012). Brasília, Liber Livros.
- Aquino, Julio G. Roppa, Sayão, Rosely Sayão, Rizzo, Sérgio Rizzo, Yves de La Taille, Y. (2011). *Família e Educação / Quatro Olhares*. (2011) Campinas, -SP: Papirus.
- Barbosa, Ana Maria. (org). (2011). *Inquietações e Mudanças no ensino da Arte*. 6.ª Ed. (2011)- São Paulo: Cortez.
- Boechat, P. (2007). *Terapia Familiar: Mitos, Símbolos e Arquétipos*. 2.ª Ed. (2007) Rio de Janeiro: Wak.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejamentos*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. (1996) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Flaksman, Dora. (2012). *História Social da Criança e da Família*. 2.ª ed. LTC, (2012). Rio de Janeiro.
- Mitjans, M. Artinez Albertina, Scoz, Beatriz Judith Lima Socz, Castanho, Marisa Irene Siqueira Castanho. (org.) (2012). *Ensino e Aprendizagem: A Subjetividade em Foco*. (2012) Cap. 10- Brasília: Liber Livros.
- Oliveira, Ceneide Maria. (2007). *Família e Movimento*. (2007) São Paulo. Brasil, Casa do psicólogo.
- Ostrower, F. (2007). *Criatividade e Processos de Criação*. 21.ª Ed. (2007) Petrópolis.
- Philippini, A. (2009). *Grupos em Arteterapia. Redes Criativas para Colorir Vidas*. (2009) Rio de Janeiro; Wak Editora.
- Piletti, Nelson, Rossato, Solange Marques Rossato (2013). *Psicologia da Aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo*. 1ª Ed. (2013) São Paulo: Contexto.
- Portela, Fabiani Ortiz, Ingrid Schroeder Franceschini, I.S. (org) Abraham Turkenicz, A. [et al]. (2008). *Família e aprendizagem uma relação necessária*. 2.ª Ed. (2008) Rio de Janeiro: Wak Ed.
- Rey, Fernando Gonzalez. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade. Os processos de construção da informação*. Tradução; Marcel Aristides Ferrada Silva. (2010) São Paulo: Cengage Learning.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo, Pioneira. Thomson Learning.

- \_\_\_\_\_. (2004). *Personalidade, Saúde e Modo de Viver*. Tradução, Flor Maria. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- \_\_\_\_\_. (2011). *Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez. (Coleção construindo o compromisso social da psicologia/ coordenadora Ana Mercês Bahia Bock)
- Relvas, M.P. (2008). *Neurociência e Transtornos de Aprendizagem – As Múltiplas Eficiências para uma Educação Inclusiva*. Rio de Janeiro: WAK Edit.
- Scoz, B. (2009). *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem*. 16. ed. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Sousa, S.M.G., Irene, R. (coord.) (2011). *Desenhos de Família: criando os filhos: a família Goianiense e os elos parentais*. Goiânia: Câne Editorial.
- Strickland, C. (1999). *Arte Comentada – Da Pré-História ao Pós-Moderno*. Trad, Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Urrutigaray, M.C. (2004). *Arteterapia - A transformação pessoal pelas imagens*. 2. ed., Rio de Janeiro: Wak.
- Vygotsky, L.S. (1999). *Psicologia da Arte*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1998). *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Organizadores: Michael Cole. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1989). *Fundamentos de Defectologia, obras completas*. Tomo cinco. Editorial Pueblo Y Educación. Ciudad de La Habana. Cuba.
- \_\_\_\_\_. (2012) *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Lev Semenovitch Vigotski, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev. Trad. de: Maria da Pena Villalobos. 12. ed. São Paulo: Ícone.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Pensamento e Linguagem*; tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cípolla Nelo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

# ANEXOS

## FAMILIA X

### ANEXO 1



## ANEXO 2



ANEXO 3



**ANEXO 4**

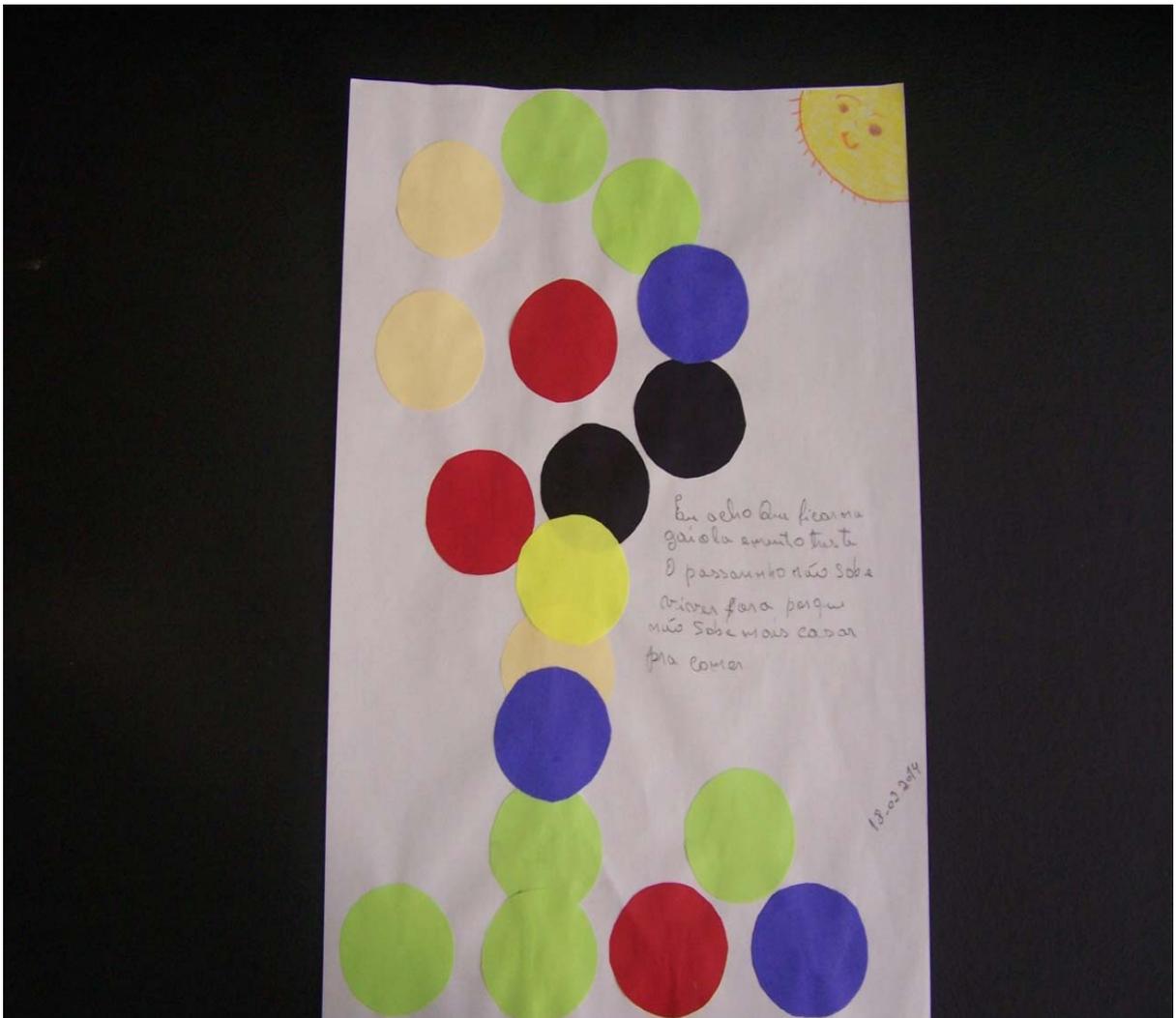


**ANEXO 5**



## FAMILIA - Y

### ANEXO 6



**ANEXO 7**



**ANEXO 8**



ANEXO 9



## ANEXO 10

### HISTÓRIA TRABALHADA

#### O passarinho Engaiolado

Rubens Alves

Dentro de uma linda gaiola vivia um passarinho. De sua vida o mínimo que se poderia dizer era que era segura e tranqüila, como seguras e tranqüilas são as vidas das pessoas bem casadas e dos **funcionários públicos**.

Era monótona, é verdade. Mas a monotonia é o preço que se paga pela segurança. Não há muito o que fazer dentro dos limites de uma gaiola, seja ela feita com arames de ferro ou de deveres. Os sonhos aparecem, mas logo morrem, por não haver espaço para baterem suas asas. Só fica um **grande buraco** na alma, que cada um enche como pode. Assim, restava ao passarinho ficar pulando de um poleiro para outro, comer, beber, dormir e cantar. O seu canto era o aluguel que pagava ao seu dono pelo gozo da segurança da gaiola.

Bem se lembrava do dia em que, enganado pelo alpiste, entrou no alçapão. Alçapões são assim; têm sempre uma coisa apetitosa dentro. Do alçapão para a gaiola o caminho foi curto, através da Ponte dos Suspiros.

Há aquele **famoso poema** do Guerra Junqueiro, sobre o melro, o pássaro das risadas de cristal. O **velho cura**, rancoroso, encontrara seu ninho e prendera os seus filhotes na gaiola. A mãe, desesperada com o destino dos filhos, e incapaz de abrir a portinha de ferro, lhes traz no bico um galho de veneno. Meus filhos, a existência é boa só quando é livre. A liberdade é a lei. Prende-se a asa, mas a alma voa... Ó filhos, voemos pelo azul!...  
Comei!

É certo que a mãe do passarinho nunca lera o poeta, pois o que ela disse ao seu filho foi: Finalmente minhas orações foram respondidas. Você está seguro, pelo resto de sua vida. Nada há a temer. Não é preciso se preocupar. Acostuma-se. Cante bonito. Agora posso morrer em paz!

Do seu **pequeno espaço** ele olhava os outros passarinhos. Os bem-te-vis, atrás dos bichinhos; os sanhaços, entrando mamões adentro; os beija-flores, com seu mágico bater de asas; os urubus, nos seus vôos tranqüilos da fundura do céu; as rolinhas, arrulhando, fazendo amor; as pombas, voando como flechas. Ah! Os prudentes conselhos maternos não o tranqüilizavam. Ele queria ser como os outros pássaros, livres... Ah! Se aquela maldita porta se abrisse.

Pois não é que, para surpresa sua, um dia o seu dono a esqueceu aberta? Ele poderia agora realizar todos os seus sonhos. Estava livre, livre, livre!

Saiu. Voou para o galho **mais próximo**. Olhou para baixo. Puxa! Como era alto. Sentiu um pouco de tontura. Estava acostumado com o chão da gaiola, bem pertinho. Teve medo de cair. Agachou-se no galho, para ter mais firmeza. Viu uma outra árvore mais distante. Teve vontade de ir até lá. Perguntou-se se suas asas agüentariam. Elas não estavam acostumadas.

O melhor seria não abusar, logo no **primeiro dia**. Agarrou-se mais firmemente ainda. Neste momento um insetinho passou voando bem na frente do seu bico. Chegara a hora. Esticou o pescoço o mais que pôde, mas o insetinho não era bobo. Sumiu mostrando a língua.

-- Ei, você! - era uma passarinha. - Vamos voar juntos até o quintal do vizinho. Há uma linda pimenteira, carregadinha de pimentas vermelhas. Deliciosas. Apenas é preciso prestar atenção no gato, que anda por lá... Só o nome gato lhe deu um arrepio. Disse para a passarinha que não gostava de pimentas. A passarinha procurou outro companheiro. Ele preferiu ficar com fome. Chegou o fim da tarde e, com ele a tristeza do crepúsculo. A

noite se aproximava. Onde iria dormir? Lembrou-se do prego amigo, na parede da cozinha, onde a sua gaiola ficava dependurada. Teve saudades dele. Teria de dormir num **galho de árvore**, sem proteção. Gatos sobem em árvores? Eles enxergam no escuro? E era preciso não esquecer os gambás. E tinha de pensar nos meninos com seus estilingues, no dia seguinte.

Tremeu de medo. Nunca imaginara que a liberdade fosse tão complicada. Somente podem gozar a liberdade aqueles que têm coragem. Ele não tinha. Teve saudades da gaiola. Voltou. Felizmente a porta ainda estava aberta.

Neste momento chegou o dono. Vendo a porta aberta disse:

-- Passarinho bobo. Não viu que a porta estava aberta. Deve estar meio cego. Pois passarinho de verdade não fica em gaiola. Gosta mesmo é de voar...



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE (TCLE)

### I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

NOME DO PARTICIPANTE \_\_\_\_\_

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº : \_\_\_\_\_ SEXO : \_\_\_\_\_

DATA NASCIMENTO: ...../...../.....

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_

BAIRRO: \_\_\_\_\_ CIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_ TELEFONE: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

#### 1. TÍTULO DA PESQUISA:

A Família e o desenvolvimento de suas crianças com dificuldades de aprendizagem.

PESQUISADORES: Phd Vannuzia Leal Andrade Peres – CPF –

Leila Pereira dos Santos– CPF 587195121-04

#### 2. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

SEM RISCO ( )

RISCO MÍNIMO ( x )

RISCO MÉDIO ( )

RISCO BAIXO ( )

RISCO MAIOR ( )

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

3. DURAÇÃO DA PESQUISA: 4 meses

---

4. A participação dos sujeitos na pesquisa será de 10 sessões.

---

### **III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:**

#### Objetivo

Compreender como as concepções das famílias interferem nos processos escolares dos filhos com dificuldade de aprendizagem.

Na busca da compreensão deste tema, você está sendo convidado/a a participar de uma reunião com outros familiares para esclarecimento da pesquisa e se desejar, participar do estudo ou não. Caso você concorde em participar, ao final desta leitura poderá assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Sua participação é voluntária e não supõe nenhum risco à sua saúde. Mas, ainda assim, caso sinta-se triste ou cansado em decorrência de sua participação, você poderá solicitar atendimento psicológico no Centro de Estudos, Pesquisas e Práticas Psicológicas (CEPSI) da PUC-Goiás. Esta pesquisa será feita em uma só etapa.

A pesquisa será realizada em dia e horário pré-agendado com as famílias, de preferência nos dias que seus filhos recebem atendimento na instituição, na busca de facilitar o deslocamento dos participantes, evitando maiores dificuldades aos mesmos. Vocês participarão do atendimento arteterapeutico que tem como objetivo estimular o individuo a criar, utilizando diferentes materiais e suportes onde o arteterapeuta observa o indivíduo em seu percurso, suas reações, símbolos e verbalizações no desenvolvimento da atividade facilitando assim a compreensão de seus conteúdos internos. Todas as respostas, verbalizações serão confidenciais (segredo) e não poderão ser utilizadas contra você ou a seu favor.

Gostaria de ter sua autorização para fotografar todas as suas produções plásticas e escritas criativas criadas nas sessões e permissão para gravar as sessões para melhor avaliar os resultados da pesquisa sendo que as mesmas serão transcritas na íntegra para a dissertação, com garantia total do sigilo de seu nome e de sua imagem.

Com relação ao ressarcimento e indenização, caso seja necessário, quando se sentir ferida nos seus direitos humanos, será cumprida quando os órgãos competentes determinarem. Quanto ao destino dos dados desta pesquisa ficarão armazenados de forma sigilosa por cinco anos. Após este período serão descartados também de forma sigilosa.

Após ficar ciente de todas essas informações, se você concordar em participar, é necessário que assine seu consentimento, que está em duas vias, declarando estar informado/a acerca do projeto de pesquisa acima descrito.

- **Vale ressaltar que todo cuidado no desenvolvimento da pesquisa, se baseia na resolução 196/96- Conselho Nacional de Saúde- Ministério da Saúde**

#### **IV- ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:**

1. Você terá acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para se sentir seguro em participar e eliminar eventuais dúvidas.
2. Você também terá liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo a você.
3. As informações fornecidas serão sigilosas, resguardando sua confidencialidade, sigilo e privacidade.
4. Caso você se sinta ferida nos seus direitos humanos, durante sua participação na pesquisa, poderá solicitar uma indenização, que será cumprida, assim que os órgãos competentes determinarem.
- 5- Sua participação é fundamental para que cada vez mais possamos descobrir meios de ajudar pessoas, com intervenções agradáveis resultando em formas específicas de avaliação, principalmente neste grupo em que estudos estão se ampliando.

**V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS NECESSÁRIAS.**

Pesquisadores: Phd Vannuzia Leal Andrade Peres

Pesquisador executante: Leila Pereira dos Santos – Tel (62) 3877-06-34 ou  
(62) 9281-79-09

**VI - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Eu, ----- declaro que, após ter recebido esclarecimentos devidos pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, na qualidade de participante dos atendimentos do CMAI, concordo em participar do presente estudo.

Goiânia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

assinatura do sujeito da pesquisa

---

assinatura do pesquisador executante